

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

GABRIEL GRILLO GROFF

**COMPORTAMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS E DOS INVESTIDORES AO
LONGO DA PANDEMIA DE COVID-19**

**CAXIAS DO SUL
2021**

GABRIEL GRILLO GROFF

**COMPORTAMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS E DOS INVESTIDORES AO
LONGO DA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do Grau de Bacharel em
Administração na Universidade de Caxias
do Sul na Área de Conhecimento de
Ciências Sociais

Orientadora Profa. Dra. Margareth
Rodrigues de Carvalho Borella

CAXIAS DO SUL

2021

GABRIEL GRILLO GROFF

**COMPORTAMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS E DOS INVESTIDORES AO
LONGO DA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Bacharel em
Administração na Universidade de Caxias
do Sul na Área de Conhecimento de
Ciências Sociais

Orientadora Profa. Dra. Margareth
Rodrigues de Carvalho Borella

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Margareth Rodrigues de Carvalho Borella – Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Roberta Rodrigues Faoro
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me. Romário de Souza Gollo
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, meu pai, Claudemir, minha mãe, Luciana, e meus irmãos, Bruno e Nicolas, que me apoiaram e incentivaram desde o início da graduação.

Agradeço especialmente à minha namorada, Milaine, que sempre me apoiou, transmitindo energias positivas e tornando meus dias mais felizes.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Margareth Borella, e a todos os professores que me proporcionaram o conhecimento necessário para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata de tópicos especiais com o intuito de identificar o comportamento do investidor no mercado de capitais durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Como metodologia, foi utilizada uma pesquisa qualitativa, embasada em entrevistas com profissionais de instituições financeiras, assessores e gerentes, com o objetivo de entender qual foi o comportamento do investidor e do mercado de capitais antes e durante a pandemia, além de uma projeção no pós-pandemia. Os resultados indicaram certa uniformidade entre os entrevistados no que se refere à experiência deles com crises no passado. Esses entrevistados tendem a se aproveitar da situação de crise, buscando maiores aportes, enquanto que clientes de primeira viagem, por medo e falta de informação, tendem a retirar suas aplicações e, conseqüentemente, perder parte de seus investimentos.

Palavras-chave: mercado de capitais; investimentos; perfis de investimentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Volume de ofertas públicas de ações.....	16
Figura 2 – Variação do Ibovespa em 2020.....	23
Figura 3 – Perfil do investidor e os tipos de investimentos.....	27
Figura 4 – Carteira perfil conservador.....	28
Figura 5 – Carteira perfil moderado.....	29
Figura 6 – Carteira perfil arrojado.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de atividades.....	39
Quadro 2 – Transcrição para as respostas do entrevistado 1.....	40
Quadro 3 – Transcrição para as respostas do entrevistado 2.....	41
Quadro 4 – Transcrição para as respostas do entrevistado 3.....	46
Quadro 5 – Transcrição para as respostas do entrevistado 4.....	47
Quadro 6 – Transcrição para as respostas do entrevistado 5.....	51
Quadro 7 – Transcrição para as respostas do entrevistado 6.....	53
Quadro 8 – Transcrição para as respostas do entrevistado 7.....	54

LISTA DE SIGLAS

ANBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
Ancord	Agente Autônomo de Investimentos
API	Análise de Perfil do Investidor
BACEN	Banco Central
Banrisul	Banco do Estado do Rio Grande do Sul
BDR	<i>Brazilian Depositary Receipts</i>
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
B3	Brasil, Bolsa, Balcão
CDB	Certificado de Depósito Bancário
CDI	Certificado de Depósito Interbancário
CEF	Caixa Econômica Federal
CBLC	Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 19</i>
CPA-20	Certificação Profissional ANBIMA Série 20
CRIs	Certificado de Recebíveis Imobiliários
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
DOC	Documento de Crédito
Embraer	Empresa Brasileira de Aeronáutica
FGC	Fundo Garantidor de Créditos
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIIs	Fundos de Investimento Imobiliário
FIA	Fundação Instituto de Administração
FIDCs	Fundos de Investimento em Direitos Creditórios
FSG	Faculdade da Serra Gaúcha
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
IPO	Oferta Pública Inicial
IR	Imposto de Renda

LCI	Letra de Crédito Imobiliário
	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento
OCDE	Econômico
RSFN	Rede do Sistema Financeiro Nacional
Selic	Sistema Especial de Liquidação e Custódia
SPB	Sistema de Pagamentos Brasileiro
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
TI	Tecnologia da Informação
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	TEMA.....	11
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.3	OBJETIVOS.....	13
1.3.1	Objetivo geral.....	13
1.3.2	Objetivos específicos.....	13
1.4	JUSTIFICATIVA.....	13
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
2.1	MERCADO DE CAPITAIS BRASILEIRO.....	15
2.2	CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE AÇÕES ATÉ A PANDEMIA	17
2.3	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO COMO IMPULSIONADORA NO MERCADO DE AÇÕES.....	19
2.4	OS ACONTECIMENTOS NO MERCADO DE AÇÕES DA PANDEMIA EM DIANTE.....	21
2.5	TIPOS DE INVESTIMENTOS E SEUS CENÁRIOS.....	24
2.6	TIPOS DE INVESTIDORES.....	26
2.6.1	Perfil conservador.....	27
2.6.2	Perfil moderado.....	28
2.6.3	Perfil arrojado.....	29
2.7	PRINCIPAIS INVESTIMENTOS.....	30
2.7.1	Perfil conservador.....	30
2.7.1.1	Certificado de Depósito Bancário.....	30
2.7.1.2	Letras Financeiras.....	31
2.7.1.3	Tesouro Direto.....	31
2.7.1.4	Fundos de renda fixa.....	32
2.7.1.5	Ações de empresas consolidadas.....	32
2.7.2	Perfil moderado.....	32
2.7.2.1	Fundo do Tesouro Selic Simples do BTG Pactual Digital.....	33

2.7.2.2	Tesouro IPCA+.....	33
2.7.2.3	Debêntures.....	33
2.7.2.4	Ações.....	34
2.7.2.5	Fundos de Investimento Imobiliário.....	34
2.7.2.6	Fundos multimercados.....	35
2.7.3	Perfil agressivo.....	35
2.7.3.1	Ações.....	35
2.7.3.2	<i>Brazilian Depositary Receipts</i>	36
2.7.3.3	Fundos imobiliários.....	36
2.7.3.4	Mercados futuros.....	36
3	METODOLOGIA.....	37
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	37
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	37
3.3	PROCESSO DE COLETA DE DADOS.....	38
3.4	PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS.....	38
3.5	CRONOGRAMA.....	39
4	DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS.....	40
4.1	ENTREVISTADO 1.....	40
4.2	ENTREVISTADO 2.....	41
4.3	ENTREVISTADO 3.....	46
4.4	ENTREVISTADO 4.....	47
4.5	ENTREVISTADO 5.....	51
4.6	ENTREVISTADO 6.....	52
4.7	ENTREVISTADO 7.....	54
4.8	DISCUSSÃO DOS ACHADOS COM BASE NA REVISÃO DA LITERATURA.....	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia do novo coronavírus ou *Coronavirus Disease* (COVID-19) atingiu todos os continentes e, assim, instaurou o caos. O fechamento de estabelecimentos comerciais e industriais tiveram consequências em várias bolsas mundiais, gerando pânico pela queda das ações em algumas dessas, como é o caso da Bolsa do Brasil. O *circuit breaker* ainda culminou no fechamento de negociações na Bolsa por tempo determinado, abalando ainda mais o mercado financeiro.

Neste contexto, as incertezas com a volatilidade dos papéis provocaram perdas para os investidores, o que afetou não somente os ganhos de cada um no mercado, mas, também, seu estado emocional. Nesse sentido, o presente trabalho aborda as consequências da COVID-19 no mercado de capitais no Brasil, demonstrando o impacto gerado para investidores conservadores, moderados e agressivos. Com isso, propõe-se identificar as reações do mercado e seu comportamento, projetando um cenário futuro relacionado ao comportamento do investidor.

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: capítulo 1 para apresentação do tema e problema de pesquisa, bem como dos objetivos e da justificativa; capítulo 2 para a revisão bibliográfica; capítulo 3 para apresentação da metodologia adotada, a qual foi baseada em uma pesquisa qualitativa com realização de entrevistas, além de pesquisa em dados secundários; capítulo 4 para desenvolvimento e resultados; e, por fim, capítulo 5 para apresentação das considerações finais.

1.1 TEMA

Mercado financeiro, volatilidade e *circuit breaker* – mecanismo utilizado pela Bolsa, Balcão (B3) que permite, na ocorrência de movimentos bruscos de mercado, o amortecimento e o rebalanceamento das ordens de compra e venda, fazendo uma proteção contra a volatilidade – são palavras que fizeram parte do cotidiano do investidor em 2020, dentre estas a que mais marcou foi a volatilidade. Segundo Jubert, Monte, Paixão e Lima (2008), a volatilidade de um ativo representa

as alterações ocorridas nos seus preços em razão de diversos fatores relacionados ao desempenho da empresa emitente e da conjuntura econômica. Em outras palavras, o preço de uma ação reflete diretamente na avaliação do investidor e na sua decisão de venda ou compra, movimentando o mercado.

Quanto mais investidores comprarem uma ação, mais o seu preço tende a aumentar e o inverso também ocorre. Dentre os vários fatores que influenciam nessa dinâmica, tem-se o cenário macroeconômico, a análise fundamentalista da empresa emissora e a análise gráfica do ativo.

É certo que a pandemia ficará marcada na história humana e econômica, já que, até então, não se tinha registro de uma queda abrupta nas bolsas mundiais. Segundo a economista Zeina Latif, em entrevista ao Poder360 (HOMERO, 2020), as bolsas em todo mundo recuaram em até 30%, causando alarme em todo mercado financeiro, afetando investidores, empresas e, conseqüentemente, consumidores finais.

Assim sendo, o presente trabalho apoia-se tanto em dados quanto na visão de economistas que vivenciaram esse mesmo período, justificando as informações e atualizando investidores por meio de demonstrações de risco e rentabilidade.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo a Fundação Instituto de Administração (FIA) (2020), a volatilidade no mercado financeiro manifesta-se pelas variações de preço de determinado ativo. Neste período de pandemia, as conseqüências vivenciadas por investidores e causadas pela volatilidade trazida pelo impacto do coronavírus estão sendo as piores possíveis.

Em contrapartida, a B3 (2020) publicou os números de novos investidores que ingressaram no mercado de 2019 a 2020. Os números apontam para dois milhões de novos investidores. De acordo com a pesquisa, o perfil de investidor está, em média, na nova safra jovem, com um aumento de 26% de mulheres investindo em bolsas (B3, 2020). Segundo a mesma pesquisa, a queda dos ativos seria um motivo para resgate em 28% dos casos e 64% fariam o resgate dos seus investimentos apenas necessitando do recurso.

Para a B3 (2020), 73% desses investidores obtêm informações de seus investimentos por meio da internet. Por isso, é importante enfatizar o poder dos influenciadores digitais como responsáveis por esse aumento no número de investidores. Além disso, os influenciadores asseguram que o investidor pense em seus investimentos a longo prazo.

A questão norteadora deste trabalho busca, portanto, responder: que alterações aconteceram em relação ao comportamento do investidor no mercado de ações durante a pandemia de COVID-19?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Verificar o quanto a pandemia afetou os investimentos de pessoas físicas no mercado de ações.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) apresentar uma revisão da literatura sobre o contexto do mercado de capitais;
- b) identificar o nível de investimento de pessoas físicas frente à pandemia de COVID-19;
- c) verificar como a pandemia impactou nas carteiras de investimento;
- d) verificar a possibilidade de ganhos no longo prazo apresentando algumas alternativas de investimento mais coerentes com o momento de pandemia e pós-pandemia.

1.4 JUSTIFICATIVA

Em meados dos anos de 1970, ocorreu o primeiro pregão regulamentado no Brasil. Na época, o Rio de Janeiro possuía uma Bolsa de Valores. Já nos anos de 1990, outra Bolsa de Valores surgiu em paralelo (PINHEIRO, 2019).

Segundo Pinheiro (2019), a definição de uma ação é a menor parcela de capital das sociedades anônimas. Ao comprar uma ação, adquire-se uma parcela da empresa, o que significa tornar-se sócio desta, tendo direito a voto em assembleias ou a dividendos, a depender do tipo de ação comprada.

No Brasil, para além da queda na bolsa, há uma significativa perda de valor do real diante do dólar (GAZETA DO POVO, 2020). Ao mesmo tempo, tem-se a queda na atividade econômica, o desemprego recorde e uma das maiores fugas de investimentos de toda a história (HOLTZ; PIOVESANA, 2020).

Para Lowe (2008 apud FOGAÇA, 2016, não paginado), escritor de um livro sobre os maiores ensinamentos de Warren Buffett, “[...] não temos a menor ideia de quanto tempo as altas vão durar nem sabemos o que mudará as atitudes do governo, dos prestadores e dos compradores que as alimentam”. Sabe-se apenas que, quanto menor for a prudência desses grupos na condução de seus assuntos, maior deve ser o cuidado do restante da sociedade.

O presente trabalho foi baseado na necessidade de aprofundar o tema, trazendo as reações do mercado perante a pandemia e as projeções futuras. Portanto, com o intuito informativo, este estudo propõe atualizar investidores sobre a situação atual e o contexto econômico de inserção no mercado brasileiro, apresentando as possibilidades do mercado de capitais durante a pandemia e o impacto causados por ela.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

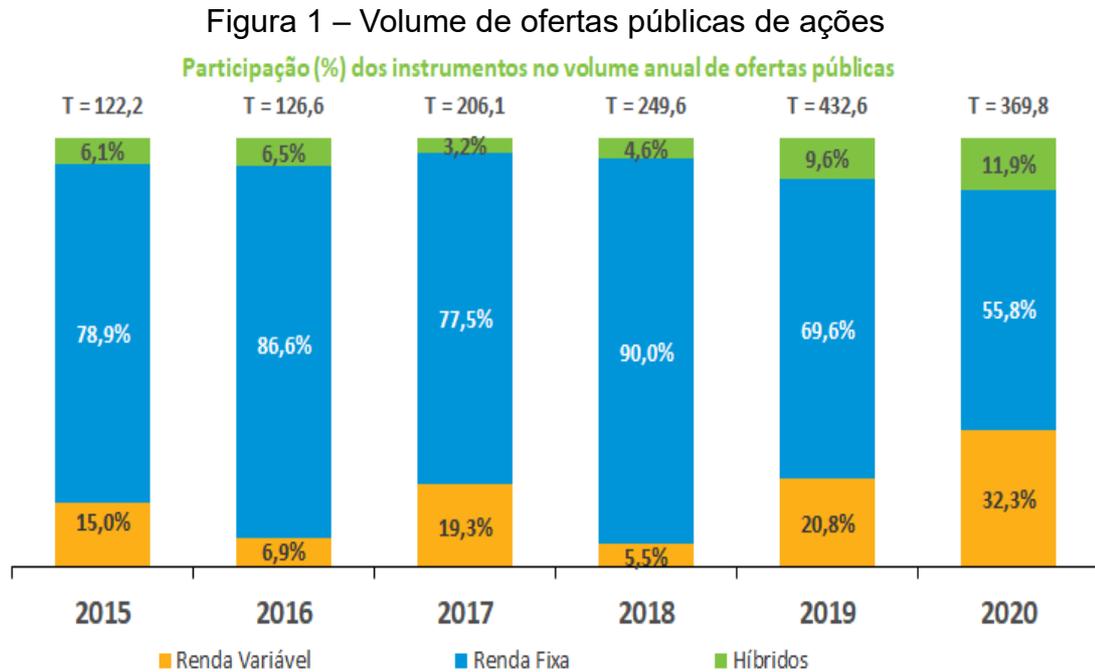
Neste capítulo, apresentam-se os diferentes contextos do mercado de capitais a partir das mudanças geradas pela COVID-19. Dividido em cinco subcapítulos, o primeiro expõe uma visão macro do mercado brasileiro de capitais; o segundo apresenta uma análise da Bolsa de Valores antes da pandemia; no terceiro subcapítulo, propôs-se apontar a Tecnologia da Informação (TI) como impulsionadora no mercado de ações; e, para finalizar, o quarto e quinto subcapítulos apresentam, respectivamente, o impacto causado pela pandemia na Bolsa de Valores e as projeções futuras.

2.1 MERCADO DE CAPITALIS BRASILEIRO

Segundo Pinheiro (2019), o mercado de capitais desempenha um papel fundamental no processo de financiamento das empresas. Ele oferece diversos instrumentos de financiamentos a médio e a longo prazo para suprir as necessidades dos agentes econômicos, tais como debêntures, Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDCs) e Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRIs), além de títulos externos. Também oferece financiamento com prazo indeterminado, no qual as operações envolvem a emissão de ações.

Historicamente, as empresas nacionais financiam seus projetos de investimento, principalmente, com recursos próprios e financiamentos públicos. Um exemplo importante é o financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Segundo dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) (2021), existe, no Brasil, um aumento significativo das Ofertas Públicas Iniciais (IPOs), que passaram de R\$10,2 bilhões para R\$45,3 bilhões. Este é o maior valor desde 2007, correspondendo a um aumento de 344% e registrando, no ano de 2020, R\$15,3 bilhões. Nesse sentido, a Figura 1 evidencia o volume de ofertas públicas de ações.



Fonte: ANBIMA.

Fonte: Anbima (2021, não paginado).

Os dados apresentados na Figura 1 demonstram que as empresas nacionais têm preferência na captação de recursos de terceiros, optando pela venda de ações ou pela emissão de títulos de debêntures, possibilitando maior visibilidade, além de diversificação na fonte de financiamento e aumento de caixa.

Para Brito (2019), o mercado financeiro brasileiro apresenta intenso uso de tecnologia e produtos com alta complexidade. Os grandes bancos brasileiros, desde a década de 1980, têm realizado relevantes investimentos em seus parques tecnológicos, interligando suas agências no país. O *funding* para esses investimentos foi obtido, na maior parte, pelos bons resultados alcançados no período de maior inflação.

Como resultado do processo de globalização, estabilização e abertura da economia local, o mercado financeiro brasileiro apresenta-se mais sólido. Além disso, nos últimos anos, ele tem passado por importantes transformações para o fortalecimento do mercado de capitais local. Uma dessas, ainda recente, é a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB), que objetiva a redução do risco de liquidação de transações e a transferência de certo risco de crédito de socorro a instituições financeiras, antes pertencentes ao Banco Central (Bacen), para as instituições privadas (BRITO, 2019).

Em 1966, foram fundados os primeiros bancos de investimentos privados, com o propósito de dirigir poupanças para financiar o capital fixo de empresas privadas e criar condições para que tais empresas pudessem capitalizar-se mediante o lançamento de ações (GALVÊAS, 2008). Com isso, as operações nas bolsas brasileiras passaram a ser influenciadas pelo comportamento das bolsas de outros países, uma vez que títulos de empresas brasileiras passaram a ser negociados. Flutuações ocorridas no exterior começaram a refletir na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). Ao mesmo tempo, aumentaram os investimentos estrangeiros em ações negociadas no Brasil, assim como a volatilidade desses investimentos, decorrentes de flutuações conjunturais em outros países (GALVÊAS, 2008).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE AÇÕES ATÉ A PANDEMIA

Segundo Oliveira (2019), o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa) – índice formado pelas ações mais negociadas na B3 – subiu 31,6% neste ano, atingindo 115.645 pontos. Essa pontuação ficou perto do recorde histórico batido pelo indicador, dias antes, quando atingiu 117.203 pontos, em termos nominais (sem considerar inflação), não temos a menor ideia de quanto tempo as altas vão durar nem sabemos o que mudará as atitudes do governo, dos emprestadores e dos compradores que os alimentam

Para profissionais de mercado, a queda da taxa básica de juros do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic) para a mínima histórica afetou o rendimento das aplicações relacionadas ao Certificado de Depósito Interbancário (CDI), que perdeu atratividade. Alguns exemplos de investimentos vinculados ao CDI são os Certificados de Depósito Bancário (CDBs), fundos de renda fixa e alguns títulos do Tesouro Direto. Diante disso, mais brasileiros passaram a buscar rentabilidade por meio de aplicações na bolsa. O número de pessoas físicas aplicando na renda variável superou 1,5 milhão, quase duplicando o número de 2018 (OLIVEIRA, 2019).

Mesmo antes da pandemia de COVID-19 e da crise desencadeada desde então, o cenário financeiro nacional e internacional apresentava inconstâncias e

oscilações. Em apenas um final de semana do mês de março de 2020, as Bolsas de Valores, em todos continentes, recuaram em 30%, o que alarmou todo o mercado financeiro nacional (HOMERO, 2020).

De acordo com estudo feito pela FIA (2020), no início de 2020, os números apontavam cerca de 12,9 milhões de desempregados no Brasil, o que corresponde a 12,2% da população. Em paralelo, foram vistos altos índices de inflação ainda no final de 2019. Para conter o aumento dos preços, o Bacen atuou na redução da taxa básica de juros – a taxa Selic – para assim incentivar o consumo da população.

Segundo Furtado Filho, Flach e Sallaberry (2019), o Brasil é um importante mercado entre os países emergentes, onde continuamente há eventos de crise financeira relevante, como nos anos de 2002, 2008 e 2014. O cenário econômico apresenta sucessivas crises de diversas origens, seja cambial, fiscal, de crédito, de oferta, de demanda, além de reflexos de crises políticas. No entanto, mesmo em cenários de crise, o investidor do mercado de capitais valoriza a remuneração alavancada, acompanhado de relações prudenciais como maior liquidez e menor composição de endividamento no curto prazo (FURTADO FILHO; FLACH; SALLABERRY, 2019).

Passos (2018) afirma que a preferência do brasileiro no momento de investir é a caderneta de poupança e imóveis, pois representa maior segurança. Entende-se que mais da metade dos poupadores desconhecem outros investimentos que possam proporcionar melhores retornos (PASSOS, 2018). Nesse sentido, levar às pessoas conhecimento sobre investimentos e sobre a Bolsa de Valores é um desafio a ser vencido. Para Passos (2018), alguns brasileiros têm vontade de investir em ações, mas não sabem como e, por acreditarem se tratar de um jogo, têm receio. Outro fator que colabora para distanciar o brasileiro da bolsa é a linguagem técnica e complexa muitas vezes utilizada nesse mercado (PASSOS, 2018).

Embora a principal opção de investimento do brasileiro seja a poupança, Alvarenga (2019) afirma que o número de brasileiros que investem no mercado de ações vêm alcançando marcas inéditas. No início de 2019, por exemplo, atingiu um total de 853 mil investidores/pessoas físicas. Lopes (2019) afirma que a queda na taxa básica de juros, determinada pelo Governo Federal, impeliu para baixo os rendimentos das aplicações com renda fixa e abriu espaço para investimentos na

Bolsa, justificando a recente alta. Contudo, segundo Alvarenga (2019), esse tipo de investidor representa cerca de 20% da quantidade negociada na Bolsa, patamar esse que não era registrado desde 2012, sendo que o volume movimentado por investidores estrangeiros representa 44,4% e institucionais 28,7%.

No Brasil, o reflexo da ausência do conhecimento da população perante a cultura financeira, de acordo com Siqueira e Duarte (2019), é demonstrado no estudo divulgado em maio de 2017 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Nesse estudo, 53% dos brasileiros ficaram abaixo do nível mínimo de conhecimentos financeiros e apenas 3% dos entrevistados atingiram a pontuação mais alta do teste (SIQUEIRA; DUARTE, 2019). Para Gomes e Rellstab (2019), tal fato explica índices como mais de 60 milhões de brasileiros com nome negativo.

Historicamente, devido à ausência da educação financeira, a população brasileira, segundo Lara (2019), tem uma baixa propensão a poupar. Isso reflete nos dados exibidos por Takar (2018), em que 57% dos brasileiros das classes A, B e C não investem em nenhum tipo de aplicação e nem na poupança. Esses números representam o abismo entre o conhecimento de finanças do brasileiro e o mercado de investimentos (TAKAR, 2018).

2.3 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO COMO IMPULSIONADORA NO MERCADO DE AÇÕES

Para Brito (2019), o sistema de pagamentos anterior proporcionava a execução de diversas ordens emitidas pelas pessoas, empresas, pelo Governo, por instituições financeiras, bancos e pelo próprio Bacen, efetivando, assim, seus respectivos compromissos financeiros. Tais ordens de pagamento eram realizadas, em sua maioria, por meio de cartões de débito, cheques, transferências eletrônicas e Documentos de Crédito (DOCs). Agrupavam-se em lotes de grande valor, transferidos entre os bancos mediante movimentação em suas contas de reservas bancárias no Bacen.

O pagamento de um banco representa a liquidez de outro. Se, por algum motivo, a transferência de fundos não ocorrer, enfrenta-se a inadimplência de outros

participantes, que estavam dependendo desses valores para equilibrar seus caixas. Cria-se, assim, um efeito dominó que afeta todo o sistema financeiro. Essas falhas na cadeia de pagamentos, sem mecanismos de proteção, causam perda de confiança, especialmente no mercado interbancário, contribuindo para uma elevação do prêmio de risco (BRITO, 2019).

Para Carrete e Tavares (2019), o principal objetivo de um sistema de liquidação é garantir que o título negociado seja de propriedade do vendedor e transferido para o comprador. Assim, os recursos são transferidos da conta-corrente do comprador para a conta do vendedor. Em outras palavras, o sistema de liquidação é responsável pela entrega da titularidade do ativo financeiro do vendedor para o comprador ao mesmo tempo em que entrega os recursos financeiros do comprador para o vendedor. Para isso, ambas as partes precisam ter contas junto ao sistema de liquidação, onde são custodiados os ativos financeiros (CARRETE; TAVARES, 2019).

Segundo pesquisa feita por Marques, Cunha e Silva (2006), operações de compra e venda de ações e outras formas de investimentos são realizadas por meio das corretoras de valores, as quais fazem parte do quadro social da Bovespa e que estão interligadas a ela por intermédio de sistemas de comunicação dedicados. Esses permitem que as operações sejam realizadas em tempo real e com segurança. A Bovespa também está integrada a outras empresas pela Rede do Sistema Financeiro Nacional (RSFN), criada no processo do SPB do Bacen. Além dessas redes, há também uma rede de comunicação com a Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLIC). Esta refere-se a uma empresa, criada pela Bovespa em 1997, que tem a responsabilidade de fazer a liquidação de operações de todo o mercado brasileiro de ações, respondendo pela guarda de 100% dos títulos do mercado nacional. Ela interliga mais de 300 entidades e possui mais de 4.000 estações conectadas (MARQUES; CUNHA; SILVA, 2006).

Para criar e manter a infraestrutura de redes e sistemas de comunicação, a Bovespa tem investido muito em tecnologia. Nos últimos anos, cerca de 6% a 10% da receita operacional foi investida. De acordo com o gerente entrevistado por Marques, Cunha e Silva (2006), os principais projetos estratégicos da Bovespa, em que a TI teve papel fundamental, foram os seguintes:

- a) o Megabolsa – sistema de negociação – permitiu o crescimento da quantidade de negócios realizados na Bovespa e o crescimento de negociação via terminal nas corretoras, em substituição à negociação por viva voz, na sala de pregão, que praticamente não existe mais;
- b) criação de *site backup* para permitir continuidade operacional mesmo que aconteça algum desastre parcial ou total nos equipamentos do endereço principal da Bovespa;
- c) sistemas de liquidação – transferência da propriedade de ações e dinheiro, baseada nos negócios realizados no Megabolsa –, análise de risco por controle de limites operacionais de corretoras e clientes, bem como cálculo dos riscos inerentes às operações realizadas e ainda não liquidadas, e custódia das ações, feita pela CBLC, que se refere à guarda eletrônica dos saldos de ações de todos os clientes de todas as corretoras, bem como cálculo e pagamento de dividendos, bonificações, entre outros, aos possuidores das ações;
- d) *Home Broker* – solução detalhada em outro capítulo deste trabalho – diz respeito à criação de ambiente na Bovespa e nas corretoras para divulgar aos clientes as cotações da Bolsa em tempo real e receber ordens de compra e venda, tudo via internet, sendo responsável por cerca de 15% do volume negociado na Bovespa.

O mercado de ações, aqui ou em qualquer lugar no mundo, depende da TI para dar a melhor condição de negociação a todos os interessados. Quanto maior o mercado, maior é a necessidade de um bom uso da TI (MARQUES; CUNHA; SILVA, 2006).

2.4 OS ACONTECIMENTOS NO MERCADO DE AÇÕES DA PANDEMIA EM DIANTE

De acordo com a FIA (2020), houve uma desaceleração tanto nas indústrias quanto no consumo em escala progressiva, trazendo consequências quase imediatas para o mercado de acionário. No Brasil, o Ibovespa chegou, no mês de

maio de 2020, acumulando uma queda de 30%, coerente com o seu estado desde o início da crise em março do mesmo ano (FIA, 2020).

Para a *Riconnect* (2020), o turismo é o setor mais prejudicado pela pandemia de COVID-19. Por ser um setor que engloba uma série de serviços relacionados a viagens, hotelaria e entretenimento, dessa forma, não é difícil entender o porquê do prejuízo. Muitas são as dificuldades para quem quer viajar nesse período, visto que vários países continuam com fronteiras fechadas para brasileiros. Além disso, medidas de isolamento social, determinadas pelo Governo ou autoimpostas, levam hotéis, atrações e estabelecimentos de alimentação a fecharem suas portas. Se for observada a lista de ações mais negociadas do Ibovespa, vê-se que as maiores quedas, no período de pandemia, afetaram a Azul Linhas Aéreas, a Gol Linhas Aéreas, a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) e a Agência de Viagens CVC.

Conforme a revista *BBC NEWS* (MOTA, 2020), no Brasil, os impactos do coronavírus no mercado, orçamento público e tributos, entre outros, motivaram a criação de um grupo de monitoramento pelo Ministério da Economia. Este anunciou o pagamento de 50% do 13º salário de aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Ainda para a revista, a pandemia tem colocado países inteiros em quarentena, restringindo a circulação de pessoas e mercadorias, o que aumenta a tendência de um desaquecimento das atividades no comércio, serviços e transportes (MOTA, 2020).

Segundo Leão – economista chefe da *Arazul Capital* – em entrevista à União Nacional de Bioenergia (2020, não paginado), um dos principais impactos é o que ele chama de *efeito contágio* da incerteza: “O aumento da incerteza leva as empresas a postergarem decisões de investimento, o que, por sua vez, tem impacto sobre renda e emprego”.

Na Figura 2, é possível analisar a variação do Ibovespa em 2020. Ao observar a Figura 2, compreende-se que a paralisação de setores essenciais influenciou, em maior parte, a queda brusca do início da pandemia de COVID-19, limitando a produtividade e afetando diretamente as ações.

Figura 2 – Variação do Ibovespa em 2020

Variação do Ibovespa em 2020

Fonte: B3

Fonte: B3 (2020, não paginado).

Para o mercado brasileiro, desde que foi acionado em março de 2020 o primeiro *circuit breaker* – mecanismo da B3, que suspende as operações por 30 minutos e que é acionado se tiver uma queda brusca maior de 10% – outros seis foram criados. O pânico causado se tornou sem precedentes para investidores, principalmente para investidores iniciantes, que nunca tinham passado por situações parecidas, como, por exemplo, na Grande Crise de 2008.

Lopatta, Alexander, Gastone e Tammen (2020) apontam que as empresas estatais líderes na detecção precoce de risco, por terem uma data de lançamento antecipada e relatório sobre a COVID-19, desfrutam de uma redução incremental no risco de estoque após a publicação de seus relatórios anuais. Para os autores, os resultados sugerem que os participantes do mercado de capitais valorizam a capacidade de ambas as empresas em detectar riscos no início e, assim, responder proativamente em tempos de crise, com transparência e precisão de suas finanças em relatórios, mitigando resultados negativos do mercado de ações (LOPATTA; ALEXANDER; GASTONE; TAMMEN, 2020).

Conforme Liu, Choo e Lee (2020), a pandemia de COVID-19 trouxe um impacto considerável sobre o estoque e os mercados em todos os países. Mais

especificamente, 71 mercados observaram retorno negativo no dia seguinte ao anúncio da pandemia, sendo o menor retorno diário foi observado após 09 de março de 2020. Em 14 países, até o final de setembro de 2020, os mercados de ações ainda não haviam se recuperado do choque. A pesquisa desses autores também sugere que, embora o anúncio de emergência de saúde pública tenha trazido um choque negativo para o mercado de ações e os investidores tenham tido conhecimento primário sobre os efeitos colaterais do novo coronavírus, é apenas com o segundo anúncio, o qual oficializa a COVID-19 como uma pandemia, que horroriza os investidores inesperadamente (LIU; CHOO; LEE, 2020).

O retorno anormal cumulativo de dez dias após o anúncio de pandemia permanece negativo, em média, para países desenvolvidos, países em desenvolvimento e países subdesenvolvidos. No entanto, parece que o país com maior renda é o mais provável para se recuperar do choque, mesmo que seja mais fortemente atacado no início (LIU; CHOO; LEE, 2020).

O impacto da pandemia sobre a economia mundial chama a atenção não só pela sua extensão, mas também por sua ampla disseminação regional e setorial, todos sem precedentes na série histórica dos indicadores antecedente e coincidente do Barômetro. Além desses aspectos, a velocidade da crise também impressiona, na medida em que as inflexões nos indicadores antecedente e coincidente são virtualmente simultâneas. Esse conjunto de informações mostra uma crise gerada por fundamentos muito distintos daqueles responsáveis por recessões recentes, mesmo entre aquelas afetando vários países em um mesmo intervalo de tempo” comenta Paulo Picchetti, pesquisador do FGV IBRE. (Fundação Getúlio Vargas [FGV], 2020, não paginado)

2.5 TIPOS DE INVESTIMENTOS E SEUS CENÁRIOS

Segundo a FIA (2020), as projeções para o mercado financeiro mundial, para os próximos meses ou anos, não são nada positivas. O que se percebe é que até mesmo os analistas mais otimistas são forçados a reconhecer que o mundo todo está entrando em uma intensa recessão sem precedentes e sem previsão de acabar.

De acordo com Zin e Tarso (2016), a presença de investidores pessoa física na B3 tem aumentado nos últimos anos. A maioria é composta por pequenos

investidores, os quais nem sempre possuem conhecimento ou recursos para analisar com profundidade os ativos em que pretendem investir.

Em pesquisa realizada pela B3 (2020), é possível averiguar o perfil e o comportamento das mais de 2 milhões de pessoas que iniciaram seus investimentos entre abril de 2019 e abril de 2020. Nessa pesquisa, evidencia-se o perfil médio da nova safra, composta por jovens investidores (média de 32 anos), sem filhos (60%) e com renda de até R\$5 mil (56%). Apesar da maioria ser homens (74%), chama a atenção o crescimento das mulheres nesse contexto (26%), saltando de 179.392, em 2018, para 809.533, em 2020. A volatilidade que tende a causar a fuga dos investidores da bolsa tem um impacto menor nessa nova safra. Dentre os investidores ouvidos nesse estudo da B3 (2020), 64% afirmam que resgatariam os valores investidos na bolsa apenas se precisassem do dinheiro. A queda na rentabilidade dos ativos seria um motivo para 28% dos entrevistados sacarem o valor.

Cerca de 73% dos investidores obtêm informações de investimentos por meio da internet e 60% o fazem com base em influenciadores digitais (B3, 2020). Segundo o Relatório do Banco Mundial (2017 apud GONÇALVES; PONCHIO, 2018), o Brasil possui um dos menores índices de poupança do mundo. Em 2016, apenas 28% da população declarou ter economizado alguma quantia nos últimos 12 meses (BANCO MUNDIAL, 2017 apud GONÇALVES; PONCHIO, 2018).

De acordo com Bacen (2015), existem 138 milhões de contas de cadernetas de poupança no país, um número que parece alto quando comparado aos 102 milhões de brasileiros economicamente ativos. Porém, 60% dessas cadernetas têm menos de R\$100. Conforme levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), 73% dos brasileiros não conseguiriam cobrir seus custos por mais de 90 dias na eventualidade de suas fontes de renda cessarem e, aproximadamente, quatro em cada dez jovens de 18 a 30 anos não estão se preparando financeiramente para a aposentadoria (SPC BRASIL, 2015; 2017).

Segundo a *Riconnect* (2020, não paginado): “Ninguém sabe ao certo, mas a maioria dos especialistas acha pouco provável uma recuperação no curto prazo. Para começar, não sabemos quando a pandemia será, de fato, controlada, e a vida voltará ao normal”. Há muitos fatores envolvidos nisso, como políticas de controle,

infraestrutura do sistema de saúde, métodos de tratamento, imunidade da população e vacina concluída (RICONNECT, 2020).

Em entrevista à *BBC News Mundo* (GOZZER, 2020), José Tessada, diretor da Escola de Administração da Universidade Católica do Chile, apresentou três tendências, que se aplicam ao Brasil representadas pelas letras V, U e W:

- a) letra V: o cenário mais otimista, segundo o qual o fim da recessão será seguido por um crescimento imediato;
- b) letra U: considerado o cenário mais provável, refere que, terminada a recessão, haverá um tempo com um crescimento baixo;
- c) letra W: há uma aceleração acentuada depois da recessão, que não se sustenta, levando a outra recessão.

2.6 TIPOS DE INVESTIDORES

Para uma melhor aplicação de recursos financeiros é de relevante que o perfil de cada investidor seja estabelecido antes de iniciar seus investimentos, principalmente para saber quais são os riscos que o investidor está disposto a correr. Identificado o perfil do investidor, é possível avaliar os melhores investimentos para cada perfil. Nas aplicações, deve-se atentar ao risco e retorno, o que se deseja ganhar e o que se está disposto a perder. Assim, faz-se a relação entre o maior risco e a maior rentabilidade.

Diante disso, o investidor iniciante tende a passar por um questionário específico e elaborado com questões que dirão qual o risco que o investidor está inclinado a passar. Esse questionário é intitulado de Análise de Perfil do Investidor (API) e é elaborado por instituições financeiras vinculadas ao varejo. A API tornou-se obrigatória em novembro de 2013, quando a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) divulgou a instrução 539 que trata sobre a API do cliente.

Segundo o Raio X do Investidor, pesquisa realizada pela ANBIMA (2020), das 3,4 mil pessoas entrevistadas, 48% preferem a segurança ao invés de um bom retorno financeiro. A pesquisa também evidencia que a poupança em 88% está em disparada na preferência dos investidores brasileiros, seguida da previdência privada (6%), títulos privados (5%) e fundos de investimento (4%).

Existem três tipos de perfil de investidor, divididos em: conservador, moderado e arrojado/agressivo. A Figura 3 apresenta os três perfis e seus respectivos investimentos no período de curto, médio e longo prazo.

Figura 3 – Perfil do investidor e os tipos de investimentos

	Conservador	Moderado	Agressivo
Curto Prazo	<input type="checkbox"/> Tesouro Selic <input type="checkbox"/> CDB Liquidez Diária <input type="checkbox"/> Fundos RF	<input type="checkbox"/> Fundos: > DI > Crédito Privado > Multimercado	<input type="checkbox"/> -
Médio Prazo	<input type="checkbox"/> CDB, LCI / LCA, LC <input type="checkbox"/> Fundo Crédito Privado	<input type="checkbox"/> Tesouro IPCA <input type="checkbox"/> CDB <input type="checkbox"/> Fundos Multimercado <input type="checkbox"/> CRI / CRA	<input type="checkbox"/> Debêntures <input type="checkbox"/> COE <input type="checkbox"/> Fundos Multimercado <input type="checkbox"/> CRI / CRA
Longo Prazo	<input type="checkbox"/> Tesouro IPCA <input type="checkbox"/> Fundo Crédito Privado	<input type="checkbox"/> Tesouro IPCA <input type="checkbox"/> COE <input type="checkbox"/> Fundos Multimercado <input type="checkbox"/> CRI / CRA	<input type="checkbox"/> Debêntures <input type="checkbox"/> CRI / CRA <input type="checkbox"/> Fundos Multimercado

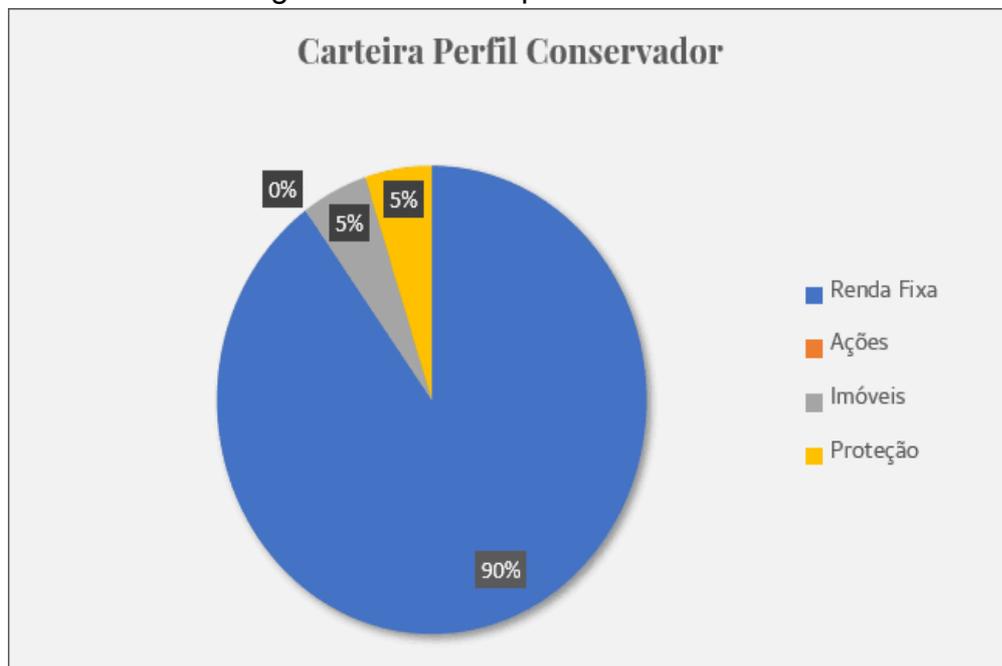
Fonte: Goeking (2017, não paginado).

2.6.1 Perfil conservador

O investidor com perfil conservador procura a segurança como decisão das aplicações a serem realizadas. Busca a preservação do capital e possui baixa tolerância ao risco. Conforme análise do Santander (2014), nesse perfil podem ser encontrados aqueles dispostos a correr mais riscos para obter rendimentos diferenciados, mas que têm necessidade de sacar seus recursos em um período curto de tempo.

De acordo com a avaliação da Caixa Econômica Federal (CEF) (2014), esse perfil sente-se confortável ao saber que, no final de cada mês, encontrará seu dinheiro seguro e que sua tranquilidade está garantida, mesmo com notícias negativas sobre o mercado. Nesse sentido, a Figura 4 apresenta a carteira do perfil conservador.

Figura 4 – Carteira perfil conservador



Fonte: Fayh (2021, não paginado).

No gráfico do perfil conservador, exibido na Figura 4, é possível perceber que o propósito é proteger o capital investido, investindo 90% do capital em renda fixa, anulando perdas.

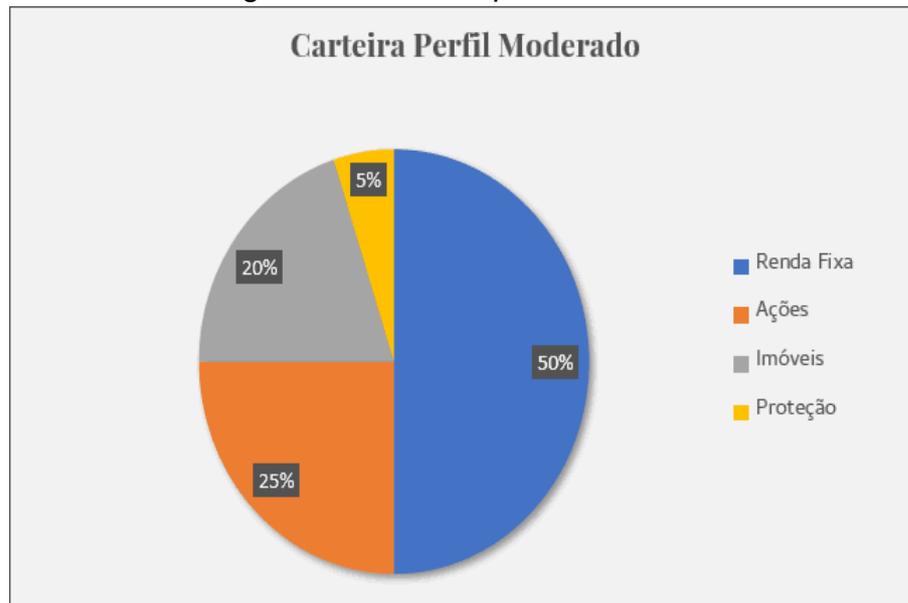
2.6.2 Perfil moderado

No perfil moderado, o investidor prioriza a segurança nos investimentos, mas também está aberto a investir em produtos um pouco mais arriscados, que possam gerar melhores retornos a médio e longo prazo (CEF, 2014). Por apresentarem baixa necessidade de liquidez no curto prazo, há possibilidade de diversificar as aplicações em alternativas mais arrojadas, não diretamente no mercado de ações (SANTANDER, 2014).

O Bacen (2014) sugere que entre os investimentos um pouco mais arrojados estejam os investimentos em renda variável e afirma que, nesse perfil, diversificar os recursos é a melhor estratégia de investimentos. A CEF (2014) indica investimento em ativos de risco muito baixo, baixo e médio, como: poupança, CDB, Letra de Crédito Imobiliário (LCI) e alguns fundos. Parte disso pode ser aplicada em investimentos moderados. Já a XP Investimentos (2014) sugere uma composição de

carteira seguida por 10% em fundos de renda fixa, 30% em ativos de renda fixa, 15% em fundos multimercado, 10% em fundos imobiliários, 30% em ações e 5% em previdência privada. A Figura 5 representa a carteira referente ao perfil moderado.

Figura 5 – Carteira perfil moderado



Fonte: Fayh (2021, não paginado).

O perfil moderado está disposto a correr um risco maior. Parte da parcela de seu capital está em renda fixa 50%, entretanto é possível ver uma exposição maior para ações (25%) e imóveis (20%), possibilitando ganhos mais significativos do que um perfil conservador.

2.6.3 Perfil arrojado

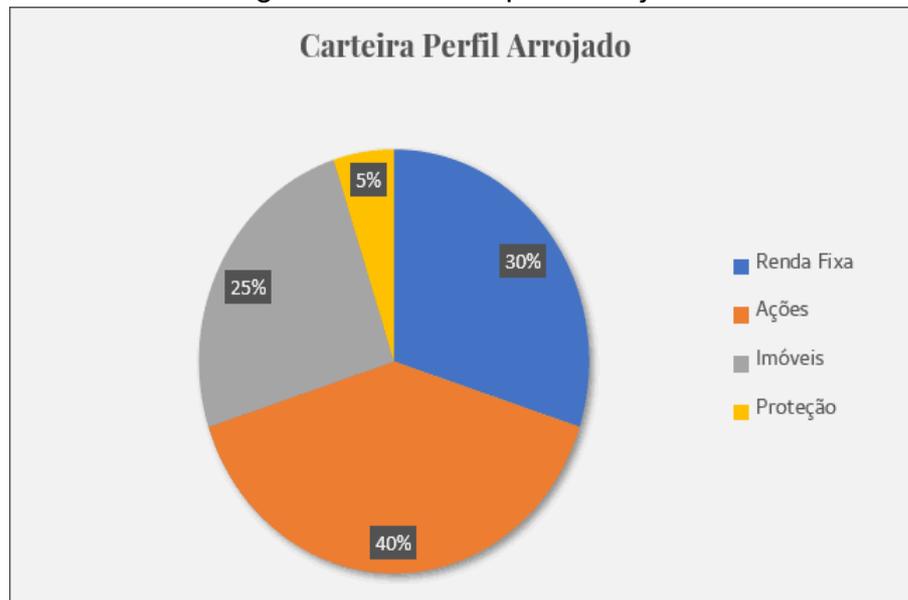
O perfil arrojado normalmente é citado a partir de duas divisões, entre as quais destacam-se: arrojado/agressivo e moderado-arrojado/agressivo. O investidor com perfil moderado-arrojado/agressivo procura maiores ganhos e está disposto a correr mais riscos. Segundo análise da CEF (2014), este conhece o mercado e as opções de investimentos que existem, pois está sempre em busca de novas alternativas de investimentos e pensa no futuro.

Na contraparte, de acordo com o Santander (2014), o perfil arrojado/agressivo é um perfil que tem alta tolerância a riscos e baixa ou nenhuma intenção de liquidez

no curto e médio prazo. Está disposto a aceitar as oscilações dos mercados de risco e possíveis perdas na busca do retorno diferenciado no longo prazo.

A Figura 6 apresenta a carteira do perfil arrojado. É possível observar que esse perfil assume um risco maior em troca de uma rentabilidade maior, visando a projeção no longo prazo. A distribuição, majoritariamente uniformizada, no gráfico da Figura 6, sugere uma diversificação do capital investido.

Figura 6 – Carteira perfil arrojado



Fonte: Fayh (2021, não paginado).

2.7 PRINCIPAIS INVESTIMENTOS

2.7.1 Perfil conservador

Para o Paraná Banco Investimentos (2021), os cinco principais investimentos para um perfil conservador são: o CDB, as Letras Financeiras, o Tesouro Direto, os fundos de renda fixa e as ações de empresas consolidadas.

2.7.1.1 Certificado de Depósito Bancário

“O CDB, como é mais conhecido, supre a maior parte das necessidades de quem não quer correr riscos na hora de investir. Por se tratar de uma aplicação de

renda fixa, o CDB oferece ganhos regulares, com base em uma taxa de juros pré ou pós-fixada” (PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS, 2021, não paginado).

Ainda, segundo o banco:

Vale lembrar, ainda, que o CDB é um título de crédito emitido por bancos e tem cobertura do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), o qual ressarcе o investidor, caso haja inadimplência por parte da instituição financeira que comercializou a aplicação. Com exceção da hipótese do investidor sacar o valor aplicado antes do prazo, previamente combinado com o banco, o rendimento do CDB sempre será positivo. O CDB é um ótimo ativo para quem tem perfil conservador de investimento (PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS, 2021, não paginado).

2.7.1.2 Letras Financeiras

De acordo com o Paraná Banco Investimentos (2021, não paginado):

Enquanto os CDBs podem ser encontrados com os mais diversos períodos de vencimento, as Letras Financeiras se caracterizam por serem investimentos de longo prazo. Além disso, elas são lançadas no mercado com valores, no mínimo, de R\$150 mil, conforme resolução do Bacen, que trata desse tipo de aplicação.

2.7.1.3 Tesouro Direto

O Tesouro Direto é definido como uma “plataforma de negociação de títulos públicos federais criada em parceria pela antiga BM&FBovespa e pelo Tesouro Nacional. Tais títulos são emitidos pelo Governo Federal do Brasil como forma de obter financiamento para as próprias atividades” (PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS, 2021, não paginado).

Assim, conforme o banco:

Quem aplica em títulos públicos ‘empresta’ dinheiro ao governo, para que ele possa pagar os gastos da máquina administrativa. Esses ativos têm baixo risco por serem garantidos pelo Tesouro Nacional, logo, são recomendáveis para quem tem perfil conservador de investimento (PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS, 2021, não paginado).

2.7.1.4 Fundos de renda fixa

Segundo o Paraná Banco Investimentos (2021, não paginado):

Os fundos de renda fixa são mais uma possibilidade de escolha para quem tem perfil conservador de investimento. Tais fundos funcionam como uma espécie de cesta de ativos coletiva, embora parte das aplicações nele contidas esteja atrelada a papéis de maior segurança, como, por exemplo, os títulos públicos. Também compõem tais fundos ativos vinculados à variação da taxa DI, a qual reflete o fluxo de depósitos interfinanceiros.

O banco ressalta que: “a vantagem de se adquirir cotas de um fundo de renda fixa é não se envolver diretamente na compra e na venda dos ativos, uma vez que tal tarefa fica a cargo de um gestor profissional, contratado pela instituição que lançou o fundo” (PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS, 2021, não paginado).

2.7.1.5 Ações de empresas consolidadas

Segundo o Paraná Banco Investimentos (2021, não paginado), pode parecer estranha:

a possibilidade de um indivíduo com perfil conservador de investimento aplicar recursos no mercado de renda variável, especificamente, em ações de companhias. No entanto, existem casos assim, já que alguns desses investidores procuram realizar um eficiente gerenciamento de risco. Logo, colocam apenas uma parcela do patrimônio total em papéis de empresas consolidadas no mercado, os quais têm pouca oscilação de preços no dia a dia. Assim, esses investidores podem aproveitar o potencial de retorno da renda variável, além de ganhar com dividendos, que são uma forma de distribuição de lucros por parte da empresa. Conforme a escolha da companhia, tal distribuição pode funcionar até como se fosse uma aplicação de renda fixa.

2.7.2 Perfil moderado

Para a BTG Pactual Digital (2021), os seis principais investimentos para um perfil moderado são: o Fundo do Tesouro Selic Simples do BTG Pactual Digital, o Tesouro IPCA+, as debêntures, as ações, os FIIs e os fundos multimercados.

2.7.2.1 Fundo do Tesouro Selic Simples do BTG Pactual Digital

“O Tesouro Selic é um investimento pós-fixado da renda fixa, que rende de acordo com a taxa básica de juros da economia. O Fundo do Tesouro Selic Simples do BTG Pactual Digital foca nesse tipo de investimento (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado).

Ainda de acordo com o BTG Pactual Digital (2021, não paginado):

O patrimônio do fundo é alocado por um gestor profissional. Essa é uma alternativa de investimento segura e que pode contemplar a reserva de emergência devido à liquidez diária. Um dos principais diferenciais do fundo em relação ao Tesouro Selic é a taxa zero: não são pagas taxas de custódia, de administração ou de performance. Portanto, trata-se de uma opção mais cômoda e mais barata para o investidor moderado que deseja alocar dinheiro para a reserva de emergência ou para objetivos de curto prazo.

2.7.2.2 Tesouro IPCA+

Conforme o BTG Pactual Digital (2021, não paginado):

O Tesouro IPCA+ também é de renda fixa e pode compor uma carteira de investimentos para perfil moderado. Nesse caso, é mais voltado para longo prazo. A sua rentabilidade é híbrida, com uma parte composta pela variação da inflação – que é o indicador do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – e outra por uma taxa fixa. Apesar de ter liquidez diária, o mais indicado é deixá-lo investido pelo tempo de vencimento, em busca dos objetivos de longo prazo. Isso porque o valor de resgate pode oscilar no curto prazo.

2.7.2.3 Debêntures

Segundo o BTG Pactual Digital (2021, não paginado), o perfil moderado “está disposto a correr um pouco mais de riscos em busca de maior rentabilidade, as debêntures podem ser interessantes. Trata-se de títulos de crédito privado que as empresas emitem para captar dinheiro de forma mais barata”.

No que tange à rentabilidade, esta pode ser “pré-fixada, pós-fixada ou híbrida. Ao escolher o título, é preciso ter atenção para conferir o histórico e a situação do empreendimento. Afinal, uma empresa com dificuldades financeiras, provavelmente,

apresentará maior risco de crédito (calote)” (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado).

Por fim, ressalta-se que: “um dos tipos de títulos disponíveis são as Debêntures Incentivadas. Elas estão ligadas a setores-chave, como de infraestrutura, e são isentas de Imposto de Renda (IR). Com isso, a rentabilidade líquida pode ser maior” (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado).

2.7.2.4 Ações

Segundo o BTG Pactual Digital (2021, não paginado):

A renda variável pode fazer parte de uma carteira de investimento moderada. Entre as alternativas disponíveis, o aporte em ações ganha destaque. Nesse caso, o investidor adquire parte do capital social de uma empresa e passa a ter direito a participar de seus resultados. A rentabilidade, então, é obtida de duas formas. A primeira é pela valorização dos papéis, o que significa vender por um preço mais alto que o valor de compra. A outra é pela distribuição de proventos, como os dividendos.

2.7.2.5 Fundos de Investimento Imobiliário

Para o BTG Pactual Digital (2021, não paginado):

Os Fundos de Investimento Imobiliário (FIIs) funcionam como condomínios financeiros. Os investidores adquirem cotas e passam a ter direito de participar dos resultados do fundo. A tomada de decisão sobre a alocação de recursos é do gestor profissional, que segue determinada estratégia.

Em relação aos tipos de fundos, apresentam-se (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado):

fundos de tijolo, que investem em imóveis físicos, como *shoppings* e lajes corporativas;
fundos de papel, que investem em títulos ligados ao mercado imobiliário;
fundos de fundos, que adquirem cotas de outros fundos imobiliários.

Por fim, evidencia-se que: “um dos diferenciais é que esses fundos podem pagar dividendos frequentes proporcional à quantidade de cotas que cada investidor tem.

Com isso, pode integrar uma carteira moderada de quem busca recebimento de renda passiva” (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado).

2.7.2.6 Fundos multimercados

Os fundos multimercados, de acordo com o BTG Pactual Digital (2021, não paginado): “podem ser usados para a diversificação de investimentos e, também, podem atender ao perfil moderado, dependendo de sua estratégia. Uma das principais características é o fato de os fundos investirem em diversos produtos financeiros”.

Ainda, segundo o banco:

Há fundos que mesclam renda fixa e variável, outros que misturam ações e cotas de outros fundos, e até aqueles ligados a oportunidades internacionais. Então, é possível ter acesso a uma grande variedade de investimentos com facilidade e com chance de consolidar um bom desempenho. Nesse caso, é recomendado avaliar a estratégia do fundo e o seu histórico para entender se ele está de acordo com o que o investidor pretende obter com a carteira (BTG PACTUAL DIGITAL, 2021, não paginado).

2.7.3 Perfil agressivo

Para a Genial Investimentos (2019), os investimentos em que um perfil agressivo costuma aplicar seu dinheiro são: as ações, os *Brazilian Depositary Receipts* (BDR), os Fundos Imobiliários e o mercado futuro.

2.7.3.1 Ações

“Ao comprar ações, o investidor passa a ser sócio de uma empresa. Logo, ele investe no crescimento de um negócio para lucrar mais tarde, quando o projeto tiver êxito. Tradicionalmente, é o meio mais comum de enriquecer investindo” (GENIAL INVESTIMENTOS, 2019, não paginado).

Além disso, segundo a Genial Investimentos (2019, não paginado): “Quando uma empresa abre seu capital na Bolsa de Valores, trata-se de um IPO, uma jogada

que geralmente atrai investidores agressivos. Há diversos tipos de IPO que ofertam, não só ações, mas também cotas de fundos de investimentos ao mercado”.

2.7.3.2 Brazilian Depositary Receipts

Conforme a Genial Investimentos (2019, não paginado): “É uma maneira de investir no mercado internacional. Os BDRs são recibos de ações de empresas de fora do país, que são negociadas na B3”.

2.7.3.3 Fundos imobiliários

“Os fundos imobiliários são fundos de investimentos do mercado imobiliário. São ativos que têm seu valor dividido em cotas comercializadas na B3” (GENIAL INVESTIMENTOS, 2019, não paginado).

2.7.3.4 Mercado futuro

Mercado futuro diz respeito à negociação de compromissos de compra e venda. “Na prática, são estabelecidos contratos, nos quais as partes acordam um preço independentemente da valorização ou desvalorização do ativo no futuro” (GENIAL INVESTIMENTOS, 2019, não paginado).

3 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso está direcionado a uma análise do mercado de capitais frente à pandemia da COVID-19. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, que busca compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos a partir da percepção dos diversos atores sociais (GIL, 2019).

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2019, p. 43), delineamento de pesquisa é o “planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados”. Para o autor, traçar o delineamento significa considerar o ambiente no qual os dados são coletados e os meios de controle das variáveis (GIL, 2019).

A pesquisa, realizada neste trabalho, tem uma proposta qualitativa, com nível exploratório, focando em compreender o comportamento dos investimentos no período de pandemia da COVID-19. A pesquisa qualitativa tem por objetivo descrever realidades múltiplas, compreender e buscar significados para questões visíveis e invisíveis (TAQUETTE; BORGES, 2020). Segundo Gil (2019), pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito.

Por meio de entrevistas com profissionais ligados ao mercado de investimentos, pretendeu-se documentar e relatar experiências no atual período de pandemia, observando a disposição e tendência para investimentos.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes do estudo são profissionais da área bancária e assessores de investimentos atuantes em um escritório de agentes autônomos de investimentos, ambos gerindo carteiras de alta renda. Esses profissionais foram

entrevistados utilizando um guia de entrevista. Assim, as entrevistas puderam ser realizadas respeitando todos os protocolos de segurança para a COVID-19.

3.3 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados sofisticado oferece formas de planejar e executar os melhores tipos de pesquisa (OLSEN, 2015). Desse modo, o guia de entrevista foi validado de acordo com os preceitos do Prof. Me. Fernando Batista Fontana, especialista da área financeira e professor da disciplina de Finanças da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

O instrumento é composto por oito questões:

- a) qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?
- b) diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?
- c) analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período;
- d) na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?
- e) os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?
- f) caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?
- g) neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?
- h) durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?

3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de algumas unidades de determinado universo, no entender de Gil (2019), possibilita a compreensão da generalidade dos objetos ou, pelo menos, o

estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa. Nesse sentido, a análise de dados foi elaborada a partir da análise dos discursos dos entrevistados, com o intuito de compreender e refletir sobre as suas experiências e avaliações para o período atual de pandemia no contexto dos investimentos.

3.5 CRONOGRAMA

No Quadro 1, está exposto o cronograma das atividades propostas.

Quadro 1 – Cronograma de atividades

Etapa	Atividade	Data (mês/ano)
1	Elaboração do guia de entrevista e metodologia do trabalho.	07/21
2	Entrevista com gerentes e assessores com carteiras de alta renda, aplicando o guia de entrevista coletando depoimentos para andamento do TCC II.	09/21
3	Análise dos depoimentos, introdução destes no desenvolvimento e resultados.	10/21
4	Considerações finais e conclusão do trabalho.	11/21
5	Banca de defesa e ajustes pós-banca.	12/21

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4 DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Neste capítulo, é apresentada a coleta das entrevistas para posterior análise. Além do desenvolvimento dos resultados finais.

4.1 ENTREVISTADO 1

Professor Doutor da área de Finanças na UCS, com formação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A entrevista foi realizada por *e-mail* e as questões foram respondidas por texto. A entrevista apresenta-se transcrita no Quadro 2.

Quadro 2 – Transcrição para as respostas do entrevistado 1

(continua)

Questões	Respostas
Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?	“A principal dúvida é sobre a recuperação econômica, se ela irá ocorrer conforme esperado ou não. No ano que vem, tendo eleições, é esperada uma grande volatilidade”.
Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?	“O principal fator foi a migração da renda fixa para a bolsa de valores em função da queda nas taxas de juros. Para os investidores que já estavam na bolsa, ocorreu uma mudança no portfólio para empresas de melhores perspectivas de curto prazo”.
Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.	“1 - queda das taxas de juros; 2 - frustração com as mudanças prometidas e que não aconteceram; 3 - foco mais no curto prazo”.
Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Os investidores que aplicam na bolsa estão habituados com volatilidade, o que ocorreu foi uma realocação de recursos com objetivos de curto prazo”.

(conclusão)

Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Conforme disse na questão anterior, eles estão habituados com a volatilidade. Apenas mudaram os objetivos de longo prazo para curto prazo”.
Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?	“Os meus clientes conhecem renda variável e aplicam apenas parte dos seus recursos nesses investimentos”.
Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?	“Primeiro, não está havendo reestruturação econômica, o que acontece é apenas debates sobre reforma fiscal que vai se desidratando a cada dia. Os investidores estão mais cautelosos e temendo aumento do risco país”.
Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?	“Não. Com a queda dos juros, aconteceu um movimento de colocar mais recursos em ações, retirando da renda fixa”.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 1 (2021).

4.2 ENTREVISTADO 2

Assessor de investimentos no escritório Messemer, com formação em Design Gráfico pela Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), certificação Agente Autônomo de Investimentos (Ancord) e Certificação Profissional ANBIMA Série 20 (CPA-20). Esse entrevistado foi acessado por meio de uma conversa via *WhatsApp*. As questões foram respondidas por áudio e a transcrição da entrevista está exposta no Quadro 3.

Quadro 3 – Transcrição das respostas do entrevistado 2

(continua)

Questão	Resposta
Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?	“A perspectiva para a bolsa ainda é muito positiva, a gente sabia que era um momento muito atípico na nossa economia e que foi algo

(continuação)

	<p>que foi afetado no mundo inteiro, não foi diretamente um risco Brasil. Algumas ações do período foram negociadas muito abaixo do seu valor patrimonial, principalmente pelo balanço que elas foram apresentando no quarto trimestre de 2019 e, com isso, a gente continuou recomendando a maioria da compra na grande parte das ações. Fazer o cliente abaixar o preço médio ou segurar um pouco mais para quem não tinha renda variável na carteira. Sabemos, também, que alguns setores do turismo: CVC, Azul e Gol poderiam demorar um pouco mais para ter uma retomada, mas foi algo que a gente viu que grande parte das empresas conseguiram se sustentar ainda em 2020 para fechar o ano positivo. Então, quem manteve a paciência, soube esperar o momento certo para comprar e conseguiu dobrar ou triplicar o seu patrimônio”.</p>
<p>Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?</p>	<p>“Acredito que a queda – aqui, no Brasil – acabou sendo um pouco maior do que no resto do mundo, principalmente pelo fato do efeito manada. Então, o investidor começa a vender sua posição com receio, com medo. Aí vai outro investidor, vê que tá caindo 5% e também realiza a venda; daí outro investidor vê que tá caindo mais 10% e também começa a vender e, assim, a gente vê esse efeito, essa bola de neve. Por isso, que nossa bolsa em março, principalmente, acabou sendo mais acertada que lá fora. Então, esse movimento fez a bolsa chegar a menos 40% no ano, enquanto SAP 500 e NASDAQ [bolsas americanas] sofreram cerca de metade dessa queda. Então, acho que foi mais por uma falta de educação brasileira de passar por momentos como esse do que, de fato, o que aconteceu no mundo todo”.</p>
<p>Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.</p>	<p>“Referente à pergunta 3, antes da pandemia, o índice Ibovespa estava nas máximas, com um fluxo bem interessante de entrada de dinheiro tanto local, institucional e internacional também, principalmente. A gente sabe que em momentos de crise, quem tem mais recursos, os grandes fundos, costumam fugir para países mais seguros. Eles saem de países emergentes, como</p>

(continuação)

	<p>o Brasil, e gostam de atrelar seu dinheiro a moedas, como o dólar. Então, foi esse um dos motivos que deixou aqui mais instável e mais incerto; outro fator, que foi o que a gente viu, foi pelo fato da incerteza, como comentei: ninguém sabia por quanto tempo poderia durar esta pandemia, quanto tempo a gente ia ficar isolado, se ia ter uma vacina em 2020. Então, com isso sempre se tem um receio. Os mercados emergentes acabam sofrendo muito mais do que os mercados grandes e isso também é bem normal presenciar em momentos de volatilidade. Um terceiro fator foi que, também, é muito importante, por uma queda tão repentina e a falta de auxílio que os clientes costumam ter, a gente poder perceber que, na primeira queda, investidores de primeira viagem não tinham passado por nada tão grave, não sabiam até quando poderia cair a bolsa, enfim, por falta de conhecimento acabam sofrendo muito mais do que quem já passou por isso em algum momento de crise”.</p>
<p>Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?</p>	<p>“Na quarta pergunta, acredito que, por termos muitos investidores novos na bolsa... Só para ter uma ideia, de 2019 para 2020 foi dobrado esse número. Então, eles são marinheiros de primeira viagem, não chegaram a pegar uma greve dos caminhoneiros, o <i>impeachment</i> da Dilma, e isso faz com que tudo se torne mais instável, né? Então, como eu comentei anteriormente, no próprio março, os investimentos lá fora caíram cerca de 13%, enquanto aqui bateu os 30%, então para recuperar 30% a volta precisa ser muito maior, então foi um dos principais motivos”.</p>
<p>Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?</p>	<p>“Na pergunta 5, de perder dinheiro, ninguém vai comprar uma ação <i>pra</i> perder dinheiro, então nosso papel foi de fato conseguir tranquilizar os clientes. A gente fez diversas reuniões e diversos eventos <i>on-line</i> e presencial para mostrar que não foi a primeira vez que aconteceu algo na nossa bolsa e também não vai ser a última. É preciso passar a lidar com esse movimento, a gente mostrou em eventos anteriores como a nossa bolsa se recuperou.</p>

(continuação)

	<p>Quando teve a greve dos caminhoneiros, caiu 20%. Em quanto tempo demorou para voltar o mesmo recurso? Isso eu tenho certeza que deixa eles mais tranquilos, então muitos entenderam a lição, até colocaram mais dinheiro para comprar a preço mais barato ou fizeram novos investimentos e, também, tem alguns casos de um pessoal que não quiseram mais voltar para parte da renda variável e preferiram migrar o dinheiro para renda fixa, mesmo com a taxa SELIC a 2% ao ano. Na visão deles, foi o mais interessante para o momento”.</p>
<p>Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?</p>	<p>“Questão 6: então, sim. A gente sabe que o primeiro momento foi sugerido para todos os clientes, que ainda a renda variável vai passar por momentos de turbulência e isto é algo normal dos investimentos, mas, quando falamos de dinheiro, a gente é levado muito pela emoção. Então, como comentei, alguns quiseram retirar seu investimento das ações mesmo no prejuízo e escolheram não voltar, pelo menos nesse primeiro momento ou esperar a carteira render um pouco mais para recuperar a perda que teve, mas acredito que o maior erro é que as pessoas vendem no desespero, né? Veem tudo caindo e querem vender, depois que o mar está calmo, tudo tranquilo, as bolsas nas máximas, eles querem comprar de novo. Então, vai fazer sempre aquele ciclo inverso, compra na alta e vende na baixa, vai perder dinheiro e vai achar que a culpa é das ações, quando a gente sabe que o que mais importa é a paciência e a calma em momentos como esse”.</p>
<p>Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?</p>	<p>“Então, aqui cada cliente tem o seu perfil, a gente não pode simplesmente obrigar o cliente a investir em nada, que a gente dá sugestões conforme o <i>feeling</i> do cliente. Tem clientes que estão acostumados com ações, fundo imobiliário ou só renda fixa, então a gente tem sempre que conseguir moderar; tem cliente que só vai ter ação, mas a gente indica que é legal ter um pouco de renda fixa por proteção. Também; a gente sabe que é importante ter um</p>

(conclusão)

	<p>pouco de renda variável na carteira, principalmente <i>pro</i> longo prazo. Eu acho que estamos no momento agora de muita indefinição, o Copom [Comitê de Política Monetária] vai fazer mais uma reunião agora em setembro e isso vai balançar um pouco os DIs [taxa com lastro em operações realizadas entre instituições bancárias], nossos juros futuros. Automaticamente, as taxas da renda fixa acabam oscilando também, não colocaria nada atrelado ao longo prazo mais do que dois, três e quatro anos; focar mais em ativos de curto e médio prazo, justamente porque temos uma oscilação um pouco maior no ano que vem, por conta das eleições. Isso é o que vai acabar impactando tanto o cenário de renda fixa quanto o cenário de renda variável. Uma dica que eu dou <i>pra</i> todo investidor é ter pelo menos 15% do seu patrimônio na inflação, porque a gente sabe que a inflação no Brasil é algo muito incerto, tem anos que dá 2%, tem anos que dá 10% ou 8%, então é importante sempre ter um ganho real positivo. Colocar ali num IPCA + 4 e IPCA + 5, te dando esse ganho real positivo de 4% ou 5% ao ano, o seu capital fica sempre bem protegido”.</p>
<p>Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?</p>	<p>“Como eu comentei anteriormente, tinha muito investidor de primeira viagem, não sabiam quanto uma ação pode cair, alguns tiveram prejuízo e focaram 100% do dinheiro e liquidez renda fixa. A gente sabe que é o movimento normal, principalmente quando o cliente vê o seu dinheiro caindo de uma forma muito rápida e intensa. E o que mais falta, o que mais acredito que foi pecado é a educação de renda variável, é um assunto que a gente não aprende na escola e, se não formos atrás por conta própria, a gente acaba sendo influenciado pelas notícias, porque tinha muita notícia falando que a bolsa ia fechar, as ações iam desaparecer, empresas poderiam desaparecer, valer zero reais. Isso deixou o pessoal bem receoso, então acho que o mais importante disso tudo é ter sim essa educação num primeiro momento, ainda na escola seria bem interessante ou na faculdade”.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 2 (2021).

4.3 ENTREVISTADO 3

Assessor de investimentos no escritório Messer, com formação em Administração e certificação Ancord. A entrevista foi realizada via *WhatsApp*, sendo respondida por texto e transcrita no Quadro 4.

Quadro 4 – Transcrição para as respostas do entrevistado 3

(continua)

Questões	Respostas
Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?	“Vemos as empresas gerando lucro como jamais visto no Brasil, todos os balanços vindo acima do esperado, mas a bolsa corrigindo muito. Vemos uma bolsa próxima a 130K no final do ano”.
Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?	“A queda acentuada no ano passado e a queda atual perante o lucro, enquanto as empresas vendem mais, lucram mais, elas se desvalorizam, ou seja, não faz sentido”.
Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.	“Proximidade com clientes; alavancagem financeira, sem pensar em problemas como esse que aconteceu; baixo conhecimento em renda variável”.
Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Vender, ficarem assustados”.
Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“No começo com receio, algo normal, mas, com o tempo e com os contatos recentes, ficaram mais tranquilos e entenderam as volatilidades”.
Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?	“Claro, isso ajudaria bastante”.

(conclusão)

Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?	“Ativos atrelados ao IPCA, bolsas internacionais e pré-fixados acima de 12% ao ano”.
Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?	“Na verdade, o movimento foi o contrário”.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 3 (2021).

4.4 ENTREVISTADO 4

Gerente de relacionamento *Prime* no Banco Bradesco, com formação em Administração e Certificação ANBIMA de Especialista de Investimentos (CEA). A entrevista foi realizada via *WhatsApp* e as questões foram respondidas por áudio. A entrevista está transcrita no Quadro 5.

Quadro 5 – Transcrição para as respostas do entrevistado 4

(continua)

Questão	Resposta
Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?	“Referente à pergunta 1, cada caso tem a sua projeção. Então, no início, pelo menos ali até uma projeção mais arrojada, estávamos falando aí já de 140 mil pontos. Lógico que essas projeções são analisadas dia a dia, semana a semana, então devido aos acontecimentos, hoje, com certeza, já vamos observar algumas reduções de análise para 130 mil pontos em relação ao Ibovespa”.
Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?	“Na minha opinião, em 2021, os fatores que mais marcaram a bolsa de valores realmente foi no âmbito relacionado à parte econômica, devido à projeção de alta da Selic, devido a questões relacionadas à inflação e juntamente com as questões políticas; uma certa tendência em interferência em relação ao âmbito política no

(continuação)

	mercado, em relação principalmente a parte da Petrobras, que eu entendo que foi um fato bastante determinante, e depois algumas questões relacionadas também a político e jurídico. Então, aqui, agora, foi um fato que ocorreu em setembro, foram fatos que na minha opinião ocasionaram mais aversão a risco aí, neste ano.”
Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.	“Na minha opinião, o fator mais importante foi o momento e a facilidade de informação, o compartilhamento de informações relacionadas ao mercado financeiro, ocorrendo assim, <i>né</i> , devido a isso, o aumento da concorrência. Foram esses dois principais fatores, atrelados à questão da redução da taxa de juros, isso fez com que muitos investidores saíssem daquelas posições de 1% ao mês. Se a gente fosse analisar em relação à rentabilidade real, não era exatamente isso, devido à alta da inflação. Então, com certeza, essa redução em relação à taxa de juros houve esse aumento de migração em relação a maiores investidores na bolsa”.
Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Tivemos dois tipos de reação. A primeira: aversão total ao risco, realocações de uma maneira instantânea, visualizando proteção. Essa era um tipo de relação que temos e a outra foi no sentido de alguns clientes e investidores já, como visualização, <i>né</i> , de oportunidade, <i>tá</i> ? Não <i>tô</i> dizendo aqui o que foi o certo, que eu acho certo, que eu acho errado, mas sim foi a visão que nós tivemos em relação, realmente, já há um perfil, <i>tá</i> ? Então, tivemos clientes resgatando, clientes protegendo o capital e tivemos clientes que, naquele momento, observaram realmente uma oportunidade de mercado”.
Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Nós conseguimos identificar quais os clientes que realmente tinham o perfil conservador, moderado, dinâmico e arrojado. Então, acho que foi um reconhecimento bem na prática do perfil do cliente, por que eu digo isso? Porque muitos se consideravam arrojados, porém, no momento desta alta volatilidade, no curto espaço de tempo, demonstraram ações mais conservadoras e muitos, na verdade, que eram

(continuação)

	<p>conservadores tiveram, assim, até um pouquinho mais de ciência em relação ao momento de oportunidade, tá? Então, isso a gente conseguiu observar na prática. Aquele cliente que respondeu o questionário API (análise do perfil de investidor), se demonstrando com um perfil relacionado na parte de dinâmica, na parte pouco mais arrojado, realmente, nesse momento, a gente conseguiu observar que, realmente, no momento de maior turbulência, realmente, não necessariamente o que ele demonstrou através de um questionário foi a atitude que ele teve no momento mais difícil, tá? Então, eu acho que foi esse reconhecimento do perfil do cliente no momento, realmente, na prática.”</p>
<p>Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?</p>	<p>“Conhecimento e experiência é muito importante, mas o perfil eu entendo que é mais determinante. O que ocorreu foi uma queda muito forte, muito elevada num curto espaço de tempo. Volatilidades sempre ocorrem e sempre vão, em curto espaço de tempo, ocorrer; uma queda assim tão forte como ocorreu, eu vejo que realmente foi um impacto em todos os perfis de clientes e afetou clientes com diversos graus de conhecimento, aqueles com grau mais simples, digamos assim, e aqueles clientes mais estudiosos, com mais experiência, mas realmente muitos conseguiram visualizar oportunidade, na qual a gente pôde entender que o momento de entrada, realmente, ele tem que ser nesse momento de queda. Então, essa visualização, a oportunidade e entrada de maneira fracionada foram fundamentais para estes clientes com perfil”.</p>
<p>Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?</p>	<p>“A questão número 7 é sempre muito importante, a nossa sugestão sempre relacionada ao perfil correto. A diversificação sempre vai ser indicada, através da diversificação, de nós conseguirmos aproveitar oportunidades e, ao mesmo tempo, ter fator de proteção. Então, mas de forma resumida, hoje nós estamos indicando, né, a redução e a exposição pré, também indicando aportes tanto para papéis pós-fixados ou indexados à inflação,</p>

(continuação)

	<p>que eu acho que é um momentos de oportunidade também. O crédito privado é o destaque, realmente tá sendo destaque nos últimos 12 meses, praticamente um ano de rentabilidades atrativas e positivas, fundos multimercados, devido a essa questão de liberdade do gestor nas realocações. Eu acho que, também, tá sendo muito importante essas alocações e, no longo prazo, realmente exposição à renda variável tanto nacional devido essa questão de oportunidade, visualização de oportunidade, mas sempre de forma fracionada, o que significa não entrar em uma posição de uma única vez. Essa entrada, na minha opinião, ela se dá tanto no momento de uma oportunidade, como também no de entrada, como também na oportunidade de saída. Tá bom? Então, essa questão de exposição em renda variável, eu vejo realmente como um momento de oportunidade e a questão internacional realmente estamos falando, aí, de, por exemplo: a bolsa americana, no momento atual que estou gravando esse áudio, está no topo, né, mas eu vejo que é realmente importante sempre ter essa exposição tanto no mercado internacional como também no mercado de renda variável nacional, dependendo do perfil do cliente, podemos sim alocar e estudar de alocação nesses tipos de ativos”.</p>
<p>Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?</p>	<p>“Com certeza, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o conservador. Com certeza, tivemos que realizar junto um novo questionário, um novo preenchimento do API [Análise Perfil do Investidor], que é fundamental estar sempre atualizado. Então, como eu disse, até anteriormente, nesses momentos de alta volatilidade no mercado, realmente a gente observa o real reflexo do preenchimento de um questionário, né? O preenchimento de respostas em relação ao perfil, como no momento da prática, né? Então, muitos, sim, se consideravam arrojados, né? Porém, no momento de bastante turbulência, poucos permaneceram com esse perfil, tá? Então, realmente, sim, houve reestruturação de perfil, houve reestruturação em relação aos objetivos reais do cliente, em relação</p>

(conclusão)

	<p>ao grau de exposição e, com os postos, realmente o cliente gostaria de ter aquele capital. Então, esses rebalanceamentos, né, principalmente de carteira, fizemos conforme a atualização e respostas que o cliente teve na prática relacionada ao perfil.”</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 4 (2021).

4.5 ENTREVISTADO 5

Assessor de investimentos na Ágora Investimentos. A entrevista foi realizada via *WhatsApp* e as questões foram respondidas por texto. Segue a transcrição da entrevista no Quadro 6.

Quadro 6 – Transcrição para as respostas do entrevistado 5

(continua)

Questão	Resposta
<p>Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?</p>	<p>“Pensando somente na pandemia, a expectativa seria positiva, seguindo as principais bolsas internacionais, como a americana que está na máxima histórica. Porém, os ruídos políticos acabam gerando desconfiança e afastando os investidores”.</p>
<p>Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?</p>	<p>“Os principais fatores foram a queda de 35% em março de 2020 devido à pandemia e a recuperação mais rápida do que o esperado. De agora em diante, depende do cenário político e andamento das reformas para que seja retomada a confiança e a bolsa possa retomar a trajetória positiva”.</p>
<p>Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.</p>	<p>“O temor generalizado, no início, ocasionou uma queda sem precedentes. Retomada rápida da confiança, ao perceberem que a situação poderia normalizar com a vacinação. Entrada maciça de pequenos investidores pessoas físicas, após a queda inicial”.</p>

(conclusão)

<p>Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?</p>	<p>“Tem três tipos: os que se assustam, saem na baixa e acabam pagando a conta; os que permaneceram com as posições e acabaram recuperando as perdas; e os que reforçaram sua posição no momento da queda, que acabaram ganhando muito dinheiro”.</p>
<p>Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?</p>	<p>“Preocupados com as perdas, analisando se reduziam suas posições. Ao final, seguindo a recomendação dos principais analistas e grandes investidores, mantiveram suas posições e recuperaram as perdas”.</p>
<p>Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?</p>	<p>“Acabaram não tirando.”</p>
<p>Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?</p>	<p>“A questão de correr risco com a renda variável depende do perfil de cada um. Com isso, cada perfil mantém o % em renda variável que se sente confortável. Neste momento específico, o retorno é muito incerto. De maneira geral, a recomendação é este percentual de renda variável e o restante em renda fixa, mesclando títulos privados atrelados à inflação e pré-fixados e um pouco de pós-fixado para aproveitar esta subida dos juros”.</p>
<p>Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?</p>	<p>“Todos mantiveram suas posições. Diria que aqueles que estavam aumentando a participação da renda variável, ao longo do tempo, pararam de fazer”.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 5 (2021).

4.6 ENTREVISTADO 6

Gerente de relacionamento BB Estilo no Banco do Brasil. A entrevista foi realizada via *WhatsApp* e as questões foram respondidas por áudio. A entrevista está transcrita no Quadro 7.

Quadro 7 – Transcrição para as respostas do entrevistado 6

(continua)

Questão	Resposta
Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?	“Tendência é voltar à normalidade, sendo afetada pelos fatores da economia como um todo, fatores estes que afetam no dia a dia. Já está voltando, na verdade.”
Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?	“Qualquer coisa que aconteça afeta a volatilidade das ações. As ações, na verdade, são um espelho das empresas. Se acontece alguma coisa, como a pandemia, por exemplo, que fez com que diminuísse o consumo da maioria dos produtos, obviamente que as empresas perdem valor com isso”.
Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.	Não respondida.
Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Depende do perfil do investidor. Teve gente que <i>tava</i> começando a investir na bolsa ou que nunca tinha passado por crises, que se assustou e quis resgatar o dinheiro e realizou prejuízo, mas, sendo a maioria tendo o conhecimento sobre renda variável e conhecendo a volatilidade, o pessoal segurou. Como comentei, depende do perfil do investidor, quem está no mercado a mais tempo sabia que era uma oportunidade”.
Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“A grande maioria se apavorou, mas quem já vinha investindo a mais tempo soube se aproveitar da situação”.
Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?	“Com certeza, quem está acostumado com a volatilidade da renda variável, pode-se dizer que se sentiriam mais seguros”.

(conclusão)

<p>Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?</p>	<p>“Depende do perfil do cliente, existe cliente que está encarando o cliente como um momento de oportunidade; considerando que os preços caíram, sendo a maioria mais cautelosa no sentido de que tem outros fatores que podem influenciar na pandemia, sendo eleição no próximo ano e o aumento da taxa Selic, mas a principal recomendação seria a diversificação”.</p>
<p>Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?</p>	<p>“Sim, tinha gente que se considerava arrojado e, na verdade, não era, sendo arrojado somente no momento de alta e isso é bem comum. Por isso, é importante seguir uma estratégia de investimento, dentro desta estratégia você vai ter produtos para o curto, médio e longo prazo”.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 6 (2021).

4.7 ENTREVISTADO 7

Analista de câmbio no Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Barrisul) e professor no canal do *YouTube*, Usina do Dinheiro. A entrevista foi realizada via *WhatsApp* e as questões foram respondidas por áudio. Assim, a entrevista está transcrita no Quadro 8.

Quadro 8 – Transcrição para as respostas do entrevistado 7

(continua)

Questão	Resposta
<p>Qual a perspectiva para a Bolsa de Valores no período pós-pandemia?</p>	<p>“Eu acredito que seja de retração econômica, com relação à questão de PIB e tudo mais. Eu acho que, por um tempo, não vai vir muito bem no Brasil; e, no resto do mundo, eu acho que algum tipo de retração, terá muito pouco crescimento. Como isso impacta a questão da bolsa diretamente, eu não vejo muito <i>target</i> para cima para nossa bolsa aqui, pro Ibovespa. Então, assim, para o próximo ano, dois anos, não vejo assim a bolsa andando muito; muito pelo contrário, talvez de lado ou talvez caindo ainda mais, que agora tem a reversão da taxa de juros futura. Isso aí acaba, muitas vezes, fazendo com que os investimentos das empresas caiam</p>

(continuação)

	bastante, por conta do custo de captação de linha, isso acaba mexendo nas empresas negativamente”.
Diante do momento atípico que vivenciamos, em sua opinião, quais os principais fatores que marcaram a Bolsa de Valores?	“Momento atípico. Eu percebi, dessa vez, uma velocidade muito grande na queda do índice e das ações. Então, com relação às crises, pelo menos as crises que eu vivenciei, referente a esta com o coronavírus, eu acho que o principal fator que eu verifico é a velocidade na queda diante da crise, porque o índice caiu demais, em torno de 120 mil pontos a 60 mil pontos, em questão de um mês e meio, sendo uma queda muito grande.”
Analisando o mercado financeiro, antes do início da pandemia, cite três fatores que foram determinantes para as grandes mudanças ocorridas neste período.	“Eu percebi nitidamente que estávamos em uma euforia no mercado. Excesso de novos investidores na B3, por conta do momento altista. Muitos investidores com perfil arrojado quando na verdade não eram”.
Na sua opinião, qual foi a principal reação dos investidores com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Na minha opinião, a principal reação dos investidores, neste momento de volatilidade forte da bolsa na pandemia, foi o não fazer nada, a perplexidade com a velocidade da queda. Um que outro acabou vendendo suas ações, justamente no momento em que deveria estar comprando, acabou vendendo. Tudo isso pelo fator psicológico, sendo nas finanças comportamentais explicado isso. O principal foi a incredulidade de não saber o que fazer”.
Os clientes que você assessora/gerência no período de pandemia sentiram-se de que maneira com a volatilidade da Bolsa de Valores?	“Mesmo não sendo assessor e não fazendo este trabalho, a maioria dos investidores tiveram muita insegurança e medo do que iria acontecer. Muitos investidores fizeram operações alavancadas, que podem ocorrer perdas acima do seu patrimônio líquido, achando que nunca aconteceria tal situação de pandemia. Então, neste período, teve muita gente que quebrou”.
Caso esses clientes tivessem mais conhecimento em renda variável, isso os tornaria mais cautelosos em tirar suas aplicações de risco?	“Com certeza. Naquele momento que estava tudo caindo, eu tinha percentual em renda fixa e eu tinha algumas operações de <i>hedge</i> (compra <i>put</i>), então, com isso, tinha ativos conhecidos que estavam caindo de empresas sólidas que eu estava comprando. Então, isso é o reflexo de um pouco mais de experiência, como eu já passei por

(conclusão)

	crises, eu acabei aprendendo”.
Neste período de reestruturação da economia, que tipo de investimento você está recomendando para seus clientes e suas características?	“Como falei anteriormente, eu não posso recomendar, mas são nestes momentos que as pessoas percebem que elas estavam com risco muito grande na carteira, com um percentual muito grande em renda variável. Então, a partir disso, elas têm que entender ou passaram a entender que a alocação de ativos, de repente, seriam os melhores caminhos, uma diversificação de carteira. Se pudesse recomendar, a minha recomendação seria: o quanto você está confortável para alocar em renda variável? Quais as estratégias adotadas? Se você pode usar opções na carteira? Basicamente, seria alocação de ativos buscando a diversificação”.
Durante o período de pandemia, houve uma movimentação do perfil arrojado e moderado para o perfil conservador?	“Faz total sentido. Neste <i>bum</i> , cheio de <i>influencers</i> falando muitas coisas sobre o momento, os investidores começaram realmente a entrar mais em renda variável”.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do entrevistado 7 (2021).

4.8 DISCUSSÃO DOS ACHADOS COM BASE NA REVISÃO DA LITERATURA

O entrevistado 1 deu ênfase na migração da renda fixa para a renda variável, focalizando em investimentos de curto prazo, considerando a redução na taxa de juros e a frustração com mudanças esperadas e não concretizadas. De acordo com ele, clientes que investem na bolsa de valores estão acostumados com a volatilidade e, desde a pandemia, realocaram seus recursos para investimentos de curto prazo. O que tal entrevistado sugere está alinhado com a pesquisa feita pela B3 (2020), em que a volatilidade aparece como um fator de fuga dos investidores, tendo em vista essa nova safra de investidores jovens, com média de 32 anos. Em 28% dos entrevistados, a escolha é pelo resgate dos investimentos em caso de queda na rentabilidade e, em 68%, o resgate das aplicações seria opção apenas em caso de necessidade do dinheiro (B3, 2020).

O entrevistado 1, ainda em sua resposta à questão 7, aponta que os “investidores estão mais cautelosos e temendo um aumento do risco país”. Em

contrapartida, o entrevistado 2 indica que o momento atípico enfrentado está afetando tanto o cenário nacional quanto o internacional: “esta incerteza faz com que os grandes fundos tirem seu dinheiro daqui e coloquem em aplicações atreladas ao dólar”.

Outro ponto relatado pelo entrevistado 2 foi que, nesse momento de instabilidade e volatilidade, houve uma falta de auxílio para os clientes de primeira viagem. Ao discorrer sobre esse momento de instabilidade, o entrevistado 2 ressalta a importância de um assessor de investimentos e do assessoramento em si. Esse profissional tenta, por meio de palestras e eventos, acalmar os ânimos dos investidores, trazendo fatos ocorridos no passado e elencando as maiores oportunidades em períodos de queda.

O entrevistado 2 aponta, ainda, que a queda no Brasil foi um pouco mais acentuada por conta do *efeito manada*, em que alguns investidores, por medo ou falta de informação, tomam a decisão errada e, conseqüentemente, outros investidores seguem o mesmo caminho. Quando se fala em dinheiro, é comum que pessoas sejam levadas pela emoção e não pela razão.

Um dos setores mais afetados pela pandemia, citado pelo entrevistado 2, foi o turismo. De acordo com o presente entrevistado, ações da Gol Linhas Aéreas, Azul Linhas Aéreas e Agência de Viagens CVC tendem a demorar mais para se recuperar. Também para a *Riconnect* (2020), o setor mais prejudicado com a pandemia da COVID-19 é o setor do turismo, justamente por ser um grupo que engloba uma série de serviços relacionados a viagens, hotelaria e entretenimento.

Os entrevistados 2 e 3 tiveram a mesma linha de recomendação, buscando investimentos ligados ao IPCA para proteção da carteira, tendo ganho real positivo ao ano. A sugestão que eles fazem aos seus clientes está diretamente ligada à atual situação apontada no estudo feito pela FIA (2020), no início de 2020, no qual cerca de 12,9 milhões de brasileiros estavam desempregados, correspondendo a 12,2% da população. Ainda no final de 2019, foram vistos altos índices de inflação. Para conter o aumento dos preços, o Bacen atuou na redução da taxa básica de juros a fim de incentivar o consumo.

Para o entrevistado 4, o fator mais importante foi o momento e a facilidade de acesso e compartilhamento de informação relacionada ao mercado financeiro,

levando ao aumento da concorrência. Em conformidade com a pesquisa realizada pela B3 (2020), que obteve um resultado, no período de 2019 e 2020, de 2 milhões de novos investidores motivados pelos influenciadores digitais. Uma parcela de 73% desses investidores obtêm informações de investimentos por meio da *internet* e 60% o fazem com base nos influenciadores digitais.

Em consonância com o entrevistado 5, a perspectiva para a Bolsa é positiva, principalmente seguindo as bolsas internacionais, como a bolsa americana, que segue nas máximas. Entretanto, essa perspectiva pode ser afetada pelos ruídos políticos, os quais geram desconfiança e afastam os investidores. Como já indicava Lowe (2008 apud FOGAÇA, 2016, não paginado), “não temos a menor ideia de quanto tempo as altas vão durar nem sabemos o que mudará as atitudes do governo, dos emprestadores e dos compradores que as alimentam”.

Ainda, existe certa conformidade de opiniões entre o entrevistado 7 e o entrevistado 2 sobre a falta de educação financeira nos investimentos. Para ambos, essa falta de educação trouxe, no momento em que a bolsa estava com alta volatilidade a incredulidade, dúvidas e inseguranças. Tais opiniões dialogam com a ausência da educação financeira historicamente marcada na população brasileira (LARA, 2019). Isso também reflete nos dados exibidos por Takar (2018), em que 57% dos brasileiros das classes A, B e C não investem em nenhum tipo de aplicação e nem na poupança. Assim, esses números representam o abismo entre o conhecimento de finanças do brasileiro e o mercado de investimentos (TAKAR, 2018).

De maneira geral, é possível perceber que existe uma consonância entre os entrevistados na última pergunta, para a maioria no período de pandemia existia uma migração da renda fixa para a renda variável e não o contrário. Tirando os entrevistados 4 e 6 que acreditam que no período existiu uma migração do perfil arrojado e moderado para o conservador, todos outros apontam que existiu a movimentação ao contrário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, foi possível analisar o quão importante é o conhecimento no mercado financeiro de forma geral e, em especial, nas suas aplicações no momento atípico de pandemia. Com o desenvolvimento deste trabalho, foi possível entender os respectivos impactos causados pela pandemia na Bolsa de Valores e no mercado financeiro de forma ampla. Assim, assume-se que o principal objetivo proposto por este estudo foi concluído com êxito.

A questão de pesquisa que conduziu este trabalho foi: que alterações aconteceram em relação ao comportamento do investidor no mercado de ações durante a pandemia da COVID-19? Essa questão foi respondida nas entrevistas com os sete analistas financeiros e de mercado, que operam diariamente na B3. A partir das respostas obtidas, é possível inferir que a pandemia de coronavírus trouxe intensas movimentações para a Bolsa e para o mercado mundial.

Na análise das respostas, também foi possível assimilar a relação entre clientes e seus gerentes ou assessores. Como uniformidade entre os entrevistados, quem já passou por crises no passado tende a se aproveitar da situação de crise, buscando maiores aportes. Já clientes de primeira viagem tendem a retirar suas aplicações e, conseqüentemente, perdem grande parte de seus investimentos.

Outro fato decorrente da pandemia, destacado nas entrevistas, foi a entrada maciça de novos investidores na Bolsa, influenciados por *influencers*. Esses novos investidores puderam entender que a oportunidade estava em suas mãos e que, nos momentos de crise, encontram-se as maiores oportunidades.

Os objetivos específicos também foram atingidos ao longo do trabalho. Foi realizada uma averiguação acerca da revisão de literatura sobre os conceitos do mercado de capitais, da mesma forma, foi possível saber o nível de investimento e o impacto causado pela pandemia nas carteiras de investimentos de pessoas físicas. Para uma adequação a longo prazo, foi possível entender quais investimentos são mais apropriados durante a pandemia e no pós-pandemia.

Ao contexto teórico no âmbito gerencial, este trabalho mostrou-se, de maneira prática, como uma relevante contribuição tanto para o investidor iniciante quanto

para o mais experiente. Os estudos aqui desenvolvidos podem ser importantes para gerentes e assessores. Assim, ressalta-se que as informações contidas neste trabalho poderão contribuir para a educação financeira, demonstrando que esta não foi a primeira nem a última vez de uma crise como a atual. Destaca-se a educação financeira, pois somente por meio dela é possível mudar a desigualdade que afeta a sociedade como um todo.

No âmbito pessoal, este trabalho foi recompensador, pois, além de ser um grande aprendizado para mim, a troca de experiências com profissionais da área foi enriquecedora e permitiu a aquisição de uma visão completamente diferente do mercado financeiro. Com o conhecimento consolidado neste trabalho, espero contribuir no Banco em que atuo, compartilhando meus estudos e seguindo carreira no mercado financeiro.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Darlan. Em meio a recordes, número de brasileiros que investem na Bolsa chega a 858 mil. **G1**, 06 fev. 2019. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/02/06/em-meio-a-recordes-numero-de-brasileiros-que-investem-na-bolsa-chega-a-858-mil.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIROS E DE CAPITAIS – ANBIMA. **Emissões domésticas registram volume de R\$ 370 bilhões em 2020**. Boletim de Mercado de Capitais. 2021. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/mercado-de-capitais/boletim-de-mercado-de-capitais/emissoes-domesticas-registraram-volume-de-r-370-bilhoes-em-2020.htm. Acesso em: 05 mai. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIROS E DE CAPITAIS – ANBIMA. **Raio X do investidor brasileiro**. 3 ed. 2020. Disponível em: <https://rdstation-static.s3.amazonaws.com/cms/files/43228/1595533926Raio-X-do-Investidor-Brasileiro-2020-ANBIMA.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. **Relatório de inclusão financeira n. 3**. Brasília, DF: BACEN. 2015.

BANCO DO BRASIL. **Análise de perfil do investidor**. 2014. Disponível em: <https://www.bb.com.br/portallbb/page17,2011,2011,0,0,1,1.bb>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL BOLSA BALCÃO – B3. **B3 divulga estudo sobre os 2 milhões de investidores que entraram na bolsa entre 2019 e 2020**. 2020. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/noticias/investidores.htm. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRITO, Osias. **Mercado financeiro brasileiro: estrutura, produtos, serviços, risco, controle gerencial, fusões e aquisições, governança corporativa**. 3. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

BTG PACTUAL DIGITAL. **Perfil moderado: 6 opções de investimentos para sua carteira**. 2021. Disponível em: <https://www.btgpactualdigital.com/blog/investimentos/perfil-moderado-6-opcoes-de-investimento>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF. **Perfil do investidor**. 2014. Disponível em: http://www11.caixa.gov.br/portal/public/investidor/investidor/invista/perfil_do_investidor. Acesso em: 15 jun. 2021.

CARRETE, Liliam Sanchez; TAVARES, Rosana. **Mercado financeiro brasileiro**. São Paulo, SP: Atlas, 2019.

FAYH, Marcelo. Perfil de investidor conservador, moderado, arrojado: investimento? **The Cap Finanças**, 19 fev. 2021. Finanças Pessoais. Disponível em: <https://comoinvestir.thecap.com.br/perfil-de-investidor/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FOGAÇA, André. 19 Conselhos de Warren Buffett para você ser um investidor melhor. **GuiaInvest**, 09 nov. 2016. Disponível em: <https://site.guiainvest.com.br/19-conselhos-de-warren-buffett/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

FUNDAÇÃO INSTITUCIONAL DE ADMINISTRAÇÃO – FIA. **Mercado financeiro e o coronavírus: histórico, impactos e projeções**. 2020. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/mercado-financeiro-e-ocoronavirus>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. **Barômetros econômicos globais: aumenta o impacto do COVID-19 na economia internacional**. 2020. Disponível em: <https://portal.fgv.br/cn/node/19210>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FURTADO FILHO, Flávio Luiz; FLACH, Leonardo; SALLABERRY, Jonatas. Mercado de capitais nos cenários de crise em mercados emergentes. **Revista de Globalización, Competitividad y Gobernabilidad**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 83-96, jun. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7161341>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GALVÊAS, Ernane. O mercado brasileiro de capitais. **Revista de Direito Bancário e do Mercado de Capitais**, [S. l.], v. 41, p. 1-6, jul. 2008. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redede.virtual.bibliotecas:revista:1998;000543091>. Acesso em: 10 mai. 2021.

GENIAL INVESTIMENTOS. **Quais são as aplicações para o perfil de investidor agressivo**. 2019. Disponível em: <https://blog.genialinvestimentos.com.br/quais-sao-as-aplicacoes-para-perfil-de-investidor-agressivo/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOEKING, Weruska. Que tipo de investidor é você? Conheça seu perfil e invista melhor. **InfoMoney**, 19 set. 2017. Renda Fixa. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/onde-investir/que-tipo-de-investidor-e-voce-conheca-seu-perfil-e-invista-melhor/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GOMES, Bianca; RELLSTAB, Clara. Educação financeira em escolas do país avança em 72% em cinco anos. **Estadão**, São Paulo, 10 jun. 2019. Economia & Negócios. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,educacao-financeira-em-escolas-do-pais-avanca-72-em-cinco-anos,70002863466>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GONÇALVES, Virgínia Nicolau; PONCHIO, Mateus Canniatti. Quem pensa no futuro poupa mais? O papel mediador do conhecimento financeiro na relação entre orientação para o futuro e segurança financeira pessoal. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 472-486, out./dez. 2018. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/quem_0.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

GOZZER, Stefania. Crise e coronavírus: V, U ou W, os 3 cenários possíveis para a recuperação econômica após a pandemia de covid-19. **BBC NEWS**, São Paulo, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52445365>. Acesso em: 20 jun. 2021.

HOLTZ, Fabiana; PIOVESANA, Matheus. Em 43 pregões, fuga de capital estrangeiro da Bolsa em 2020 já supera o ano de 2019. **Estadão**, São Paulo, 06 mar. 2020. Economia & Negócios. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,em-43-pregoes-saida-de-estrangeiros-da-bolsa-em-2020-ja-supera-o-ano-de-2019,70003222857>. Acesso em: 01 mai. 2021.

HOMERO, Valquíria. Cenário econômico já era desafiador antes da covid-19, explica Zeina Latif. **Poder360**, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/cenario-economico-ja-era-desafiador-antes-da-covid-19-explica-zeina-latif/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JUBERT, Roberto Wagner; MONTE, Paulo Aguiar do; PAIXÃO, Maria Cristina Silva; LIMA, Willemberg Harley de. Um estudo do padrão de volatilidade dos principais índices financeiros do Bovespa: uma aplicação de modelos Arch. **Revista UnB Contábil**, Brasília, v. 11, n. 1-2, p. 221-239, jan./dez. 2008. Disponível: <https://www.revistacgg.org/contabil/article/view/24>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LARA, Rafael. Por que os brasileiros não investem na bolsa de valores?. **Suno Notícias**, 18 ago. 2019. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/por-que-brasileiros-nao-investem-bolsa-valores/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

LIU, Min; CHOO Wei-Chong; LEE, Chieng-Chaing. The response of the stock market to the announcement of global pandemic. **Emerging Markets Finance and Trade**, [S. l.], v. 56, n. 15, p. 3562-3577, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1540496X.2020.1850441?needAccess=true>. Acesso em: 25 jun. 2021.

LOPATA, Kerstin; ALEXANDER, Ernst-Kenji; GASTONE, Laura Maria; TAMMEN, Thomas. To report or not to report about coronavirus? The role of periodic reporting in explaining capital market reactions during the covid-19 pandemic. **SSNR**, [S. l.], Apr. 2020. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3567778. Acesso em: 05 jun. 2021.

LOPES, Marcos Rogério. Número de investidores na Bolsa ultrapassa o de presidiários no país. Segundo dados da B3 (antiga Bovespa), 1,4 milhão de brasileiros tinham ações em setembro, enquanto a população carcerária chegou a 812.564 presos. **R7**, 07 out. 2019. Economia. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/numero-de-investidores-na-bolsa-ultrapassa-o-de-presidiarios-no-pais-08102019>. Acesso em: 25 maio 2021.

MARQUES, Sandro; CUNHA, Maria Alexandra Viegas Cortez; SILVA, Wesley Vieira. O uso de TI como ferramenta estratégica para a ampliação da base de investidores individuais pelo bovespa. **Facef Pesquisa**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 357-372, dez. 2006.

Disponível em:

<https://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/84/150>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MOTA, Camilla Veras. Coronavírus: como a queda da bolsa afeta a “economia real”. **BBC NEWS**, São Paulo. 12 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51859307>. Acesso em: 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, João José. **Bolsa sobe 32% no ano, bate ouro e dólar e é o melhor investimento de 2019**. 2019. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2019/12/30/ibovespa-lidera-lista-de-melhores-investimentos-no-ano.htm>. Acesso em: 15 mai. 2021.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2015.

PARANÁ BANCO INVESTIMENTOS. **As 5 melhores aplicações para um perfil conservador de investimento**. 2021. Disponível em:

<https://paranabanco.com.br/blog/investimentos/5-melhores-aplicacoes-para-um-perfil-conservador-de-investimento>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PASSOS, Ademir. **Investindo na bolsa de valores: o que você precisa saber antes de investir**. São Paulo: Novatec, 2018.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de capitais**. 9. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2019.

REAL foi a terceira moeda que mais se desvalorizou frente ao dólar em 2020. **Gazeta do Povo**, 21 fev. 2020. Câmbio. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/breves/dolar-desvalorizacao-real/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RICONNECT. **Coronavírus e investimentos: impactos e principais dúvidas**. 2020.

Disponível em: <https://riconnect.rico.com.vc/blog/coronavirus-e-investimentos>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SANTANDER. **Perfil do investidor**. 2014. Disponível em:

http://www.santander.com.br/portal/gsb/gcm/package/asset_management/suitability_49179.zi p/home.htm. Acesso em: 15 jun. 2021.

SIQUEIRA, Felipe; DUARTE, Isadora. **Educação financeira ainda não é realidade nas salas de aula brasileiras**. 2019. Disponível em:

<https://infograficos.estadao.com.br/focas/por-minha-conta/materia/educacao-financieira-ainda-nao-e-realidade-nas-salas-de-aula-brasileiras>. Acesso em: 30 maio 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO BRASIL – SPC BRASIL. **Um terço dos brasileiros não têm poupança para realizar sonhos**. 2015. Disponível em:

<https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/pesquisas/559>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO BRASIL – SPC BRASIL. **Quatro em cada dez jovens brasileiros não se preparam para a aposentadoria, mostram SPC Brasil e CNDL.** 2017. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/249959>. Acesso em: 15 jun. 2021.

TAKAR, Téo. **Estudo:** brasileiro conhece bolsa, mas fica na poupança ou não investe nada. 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2018/07/24/poupanca-investimento-preferido-e-bolsa-mais-lembrado.htm>. Acesso em: 05 jun. 2021.

TAQUETTE, Stella R.; BORGES, Luciana. **Pesquisa qualitativa para todos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

UNIÃO NACIONAL DA BIOENERGIA. **Coronavírus:** como a queda da bolsa afeta a economia real? 2020. Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2020/03/13/coronavirus-como-a-queda-da-bolsa-afeta-a-economia-real-y.html>. Acesso em: 15 mai. 2021.

XP INVESTIMENTOS. **Descubra o melhor mix para seu perfil investidor.** 2014. Disponível em: <http://www.xpi.com.br/assessoria/sugestao-rapida-de-carteira.aspx>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ZIN, Roque Alberto; TARSO, Edielson. Como o pequeno investidor pode usar as teorias de Graham e Markowitz. **Revista Eletrônica do Alto do Vale do Itajaí**, Itajaí, v. 4, n. 6, p. 28-41, mai. 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/reavi/article/view/2316419004062015028/5420>. Acesso em: 25 jun. 2021.